

MARCÍLIO ÂNGELO E SILVA

**O efeito combinado dos estilos de apego dos  
pais no estabelecimento dos estilos de  
apego de seus filhos**

Recife

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

2013

MARCÍLIO ÂNGELO E SILVA

**O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos**

Tese apresentada para ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Teoria do Apego  
Orientador: Prof. Dr. AntonioRoazzi

Recife

Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

2013

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S586e Silva, Marcílio Ângelo e.  
O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos / Marcílio Ângelo e Silva. – Recife: O autor, 2013.  
250 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roazzi.  
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.

Inclui bibliografia e anexos

1. Psicologia. 2. Comportamento de apego. 3. Família - pesquisa. I. Roazzi, Antonio (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2013-47)

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcílio Angelo e Silva

“O Efeito Combinado dos Estilos de Apego dos Pais no Estabelecimento dos Estilos de Apego de seus Filhos”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado: 26 de Fevereiro de 2013

## Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Roazzi

Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Bianca Arruda Manchester de Queiroga

Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima

Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento

Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Bruno Campello de Souza

Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Dedicatória**

A Deus, minha eterna Base Segura, com imensa gratidão por todo incondicional amor.

Aos meus pais, minhas bases seguras terrenas, pelo sacrifício que fizeram durante toda vida para que seus filhos pudessem ter a chance de receber um ensino de qualidade e se tornarem profissionais competentes.

A Benjamin Angelo; simplesmente por existir.

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr. AntonioRoazzi, pela atenção e apoio durante todo processo de definição e orientação da minha tese, por me “apresentar” à Teoria do Apego e por ser uma contribuição positiva na minha vida e de tantos outros alunos.

Ao Professor Dr. Bruno Campello, pelo empenho em me orientar dedicadamente nas análises dos dados do presente estudo.

A minha esposa Clarissa por seu apoio durante o processo de produção deste documento e ao meu filho-tesouro Benjamin, razão deste trabalho científico.

À Diretora da Instituição, Coordenadora e Vice-coordenadora do ensino fundamental do Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição pela cooperação incondicional que me deram durante todo processo de coleta de dados.

À Suely Machado pelo apoio na instituição Creche Lar das Crianças.

À Ariovaldo Mendes pelo apoio na instituição AACCA.

Aos meus amigos Airton e Iana, Ari e Bete, Rosinha e Alexandre que não hesitaram em aceitar meu convite para participar da pesquisa aqui apresentada.

Às “Veras” e Elaine do departamento de Psicologia Cognitiva, pelo apoio em todos os aspectos administrativos e pessoais.

À CAPES pela concessão da bolsa de doutorado.

## **Epígrafe**

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.

Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."

Nelson Mandela

**Resumo:**o presente estudo apresenta uma ampla revisão sobre a produção acadêmica acerca da Teoria do Apego, partindo desde os primórdios de sua elaboração por John Bowlby (1969) e posteriormente Mary Ainsworth e colaboradores (1978) até as mais recentes explorações sobre o tema, enfatizando a ausência de estudos na área que avaliem a relação de tríades (pais, mães e filhos) de etnia não branca, de classe socioeconômica baixa e média e do contexto brasileiro, e as interações dos estilos de apego daqueles primeiros no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos. O problema de pesquisa do presente trabalho se delineou da seguinte forma: a combinação dos estilos de apego de pais e mães ou casais cuidadores exerce alguma influência no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos e filhas? As hipóteses: Quando o casal que cuida dos filhos possui estilos de apego semelhantes, os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar da mesma forma dos pais. Quando o casal possui um, o estilo seguro, o outro, o estilo inseguro; os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar de maneira mais próxima ao pai ou mãe de estilo de apego seguro. O objetivo maior da presente iniciativa de pesquisa foi de verificar o efeito combinado dos estilos de apego dos pais ou casal cuidador no estabelecimento do estilo de apego de seus filhos e filhas. Foram envolvidos na pesquisa 57 crianças entre 7 e 9 anos com média de idade 7,7 anos DP (.78), 45 mães e 33 pais brasileiros ( $N= 135$ ), todos habitantes recifenses, de classe social C e D e de origem étnica mista não branca e estruturas familiares das mais diversas. para a avaliação dos estilos de apego dos pais/cuidadores foi utilizado o questionário *Experiences in Close Relationship*(ECR) e para a avaliação dos estilos de apego das crianças envolvidas na pesquisa aplicou-se uma versão adaptada (por Atili, 2001) do *SeparationAnxiety Test* (SAT) de Klagsbrun e Bowlby (1976), a qual foi, por sua vez, foi adaptada para realidade Brasileira (SAT-B). Foram realizadas análises descritivas de frequência e cluster two-wayjoining, correlacionaltetracórica, teste canônico da diferença entre proporções e de qui-quadrado. Os resultados dão suporte a hipótese 1 e demonstram uma tendência a corroborar a hipótese 2. Assim como revelam também uma diferença significativa entre a influência dos pais (homens) de estilos apego seguros nos filhos de estilos de apego seguros e outras combinações parentais com filhos de ambos os sexos. Os resultados apontam ainda uma maior incidência de estilos de apego seguros e uma menor de estilos de apego inseguros entre as meninas, uma maior incidência de estilos de apego inseguros e menor de estilos de apego seguros entre os meninos. Finalmente, a análise das respostas obtidas através do SAT-B apoiam a aplicabilidade do instrumento para a realidade brasileira.

**Palavras-chaves:** estilos de apego, efeito combinado, tríades, família, teoria do apego.

**Abstract:** this study presents a comprehensive literature review on the Attachment Theory, starting from its initial drawings by John Bowlby (1969) and later Mary Ainsworth and collaborators (1978) up to the most recent explorations on the theme, highlighting the lack of studies that have had the purpose of evaluating triadic relations (fathers, mothers and kids) from non-white and low socioeconomic backgrounds from Brazilian context. The problem of this work has taken the form of the following question: the combined effect of parents' or caregivers' attachment styles does have any influence on the establishment of their kids' attachment styles? The hypotheses were: whenever the parents or caregivers present similar attachment styles their kids will tend to follow the same tendency; and whenever one of the parents or caregivers presents secure attachment style and the other an insecure attachment style their kids will tend to follow the pattern of the secure one. The aim of this study was to verify the combined effect of parents' or caregivers' attachment styles on the establishment of their kids' attachment styles. The sample was composed by 57 Brazilian kids with ages between 7 and 9 years, an average age of 7,7 SD (.78), 45 mothers and 33 fathers (N=135) from Recife, socioeconomic background C and D, non-white ethnic background and various families configurations. For the evaluation of the parents/caregivers' attachment styles it was applied the ECR (Experiences in Close Relationships) Questionnaire and for the evaluation of the kids' attachment styles it was applied Attili's (2001) version of Klagsburn & Bowlby's Separation Anxiety Test (SAT), which was adapted to Brazilian context (SAT-B). Descriptive statistical analyses such as frequencies and two-way joining cluster analysis were applied along with tetrachoric correlation analysis, canonic test of the difference between proportions and chi-square analyses. The results support hypothesis I and tend to corroborate hypothesis II. They also highlight significant differences between fathers' secure attachment styles and boys' secure attachment styles in comparison to other parental combinations with kids of both sexes. Furthermore, they indicate a bigger occurrence of secure attachment styles and smaller occurrence of insecure attachment styles among girls in comparison to boys and a bigger occurrence of insecure attachment styles and a smaller occurrence of secure attachment styles among boys in comparison to girls. Finally, the qualitative analysis of the SAT-B's answers give support to this instrument and its applicability for the Brazilian context.

**Keywords:** attachment styles, combined effect, triads, family, attachment theory.

## SUMÁRIO

Introdução/Justificativa.....	12
Problema, Hipóteses e Objetivos .....	16
<b>CAPÍTULO I –</b>	
Teoria do Apego: principais aspectos e sua evolução.....	17
<b>CAPÍTULO II –</b>	
Metodologia: uma breve exploração.....	40
<b>CAPÍTULO III –</b>	
Método.....	47
<b>CAPÍTULO IV –</b>	
Resultados.....	61
<b>CAPÍTULO V –</b>	
Discussão.....	86
<b>CAPÍTULO VI –</b>	
Conclusões.....	99
Limitações e Contribuições.....	103
Sugestões.....	106
Referências .....	107
Anexos I, II, III, IV, V, VI e VII.....	114

## 1. Introdução/Justificativa

O estudo do desenvolvimento humano tem sido foco de interesse de estudiosos das mais diversas nacionalidades e vem sendo abordado há mais de um século no mundo ocidental. Entre aqueles que mais se destacaram e influenciaram a psicologia do desenvolvimento no século passado estão Jean Piaget (Suíça), Lev Vygotsky (Bielo-Rússia), Henry Wallon (França), Sigmund Freud (Áustria), Carl Jung (Suíça), Erik Eriksson (Alemanha), Jerome Bruner (Estados Unidos) e John Bowlby (Inglaterra). Dando ênfase em aspectos diferentes do desenvolvimento humano, quais sejam os aspectos cognitivo, afetivo, social e neuromotor, estes autores contribuíram para um melhor entendimento acerca do ser humano e suas nuances psicológicas.

Das teorias desenvolvidas pelos autores acima citados, a teoria mais recente sobre o desenvolvimento sócio-afetivo-emocional é aquela formulada inicialmente por John Bowlby (1907-1990) e posteriormente expandida por Mary Ainsworth (1913-1999), Mary Main, Nancy Kaplan, Jude Cassidy, além de outros. John Bowlby partiu de uma perspectiva multidimensional envolvendo elementos da biologia evolucionária, da psicanálise, da etologia, da psicologia do desenvolvimento, das ciências cognitivas e teoria dos sistemas de controle (Dalbem&Dell’Aglío, 2006; Grossman, Grossman& Waters, 2008). A partir de observações sobre cuidados maternos e suas variações na primeira infância, Bowlby passou a estudar os efeitos daqueles no desenvolvimento psicossocial da pessoa. Posteriormente adotou na sua teoria um conceito chave denominado *InternalWorkingModel* (IWM) ou Modelo Interno de Funcionamento (MIF). Conceito este que ele descobriu ao ler os escritos do zoólogo Young (1964) sobre o comportamento dos polvos, o qual, por sua vez, havia tomado emprestado o conceito criado por Kenneth Craik e apresentado no seu livro intitulado “The

Nature of Explanation” publicado em 1943. Para Bowlby, nós ao lidarmos com as situações da vida criamos modelos representacionais do mundo, de nós mesmos e das pessoas e, conseqüentemente, são estes modelos que nos servem de “filtro” para interpretarmos o que nos cerca, influenciando também nossas relações afetivas durante a vida (Grossman, Grossman & Waters, 2008). Foi levando em consideração o conceito de IWM que Ainsworth *et al.* (1978) conseguiu identificar estratégias individuais de apego em crianças, as quais emergiam das primeiras relações com seus genitores e foram posteriormente denominadas “estilos de apego”.

No Brasil a assim denominada “Teoria do Apego” de Bowlby ainda não foi amplamente difundida, embora tenham sido realizadas pesquisas nessa área com a maior parte delas focando o estudo do apego na infância. Ademais, talvez seguindo o movimento inicial de Bowlby, boa parte das pesquisas realizadas até o momento tem dado grande ênfase nas relações da primeira infância da díade mãe-filho (a) (Shomaker & Furman, 2009; Tacón & Caldera, 2001). Outras iniciativas exploraram aspectos como a transmissão intergeracional dos padrões de apego, variações ou permanência de estilos de apego na adolescência e fase adulta, apego nas relações entre adultos, apego nas relações românticas, apego na infância e comportamento parental na fase adulta, apego e patologias decorrentes de suas variações e experiências que podem mudar os estilos de apego no decorrer da vida (Dalbem & Dell’Aglío, 2006; Attili, 2001). Mais recentemente, alguns pesquisadores vêm focando seus estudos em temas relacionados a animais de estimação como figuras de apego (Kurdek, 2008), vantagens adaptativas de estilos de apego inseguros e seguro (Ein-Dor, Mikulincer, Doron & Shaver, 2010), Deus como figura de apego (Sim & Loh, 2003), os efeitos dos estilos de apego na manutenção de relacionamentos entre pai e filha (Punyanunt-Carter, 2006), competência social e a qualidade dos relacionamentos mãe-filho (a) e pai-filho

(a) (Attili, Vermigli&Roazzi, 2010) e estilo de apego dos pais e o efeito destes no status social do filho e o papel do pai (Attili, Vermigli&Roazzi, 2011). No entanto, mesmo considerando algumas raras pesquisas enfatizando a influência dos estilos de apego dos pais sobre competências específicas dos filhos a partir de observações diretas de interações não laboratoriais entre pais e filhos, como é o caso específico das duas últimas pesquisas supracitadas. Ressaltando ainda o estudo longitudinal de Minnesota de Alan Sroufe, Byron Egeland, Elizabeth Carlson e W. Andrew Collins e os Projetos Bielefeld e Regensburg de Karin Grossman, Klaus Grossman e Heinz Kindler nas décadas de setenta, oitenta e noventa, nos quais a observação direta foi utilizada como um dos instrumentos de coleta de dados (Grossman, Grossman& Waters, 2008), aparentemente nenhum estudo que tenha sido publicado internacionalmente e no Brasil em décadas passadas teve seu foco voltado especificamente para o efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos. O estudo de Cohn *et al.*(1992) se propôs a fazer uma análise partindo de uma observação direta de interações intrafamiliares de 27 casais em ambiente artificial de laboratório, mas não no ambiente natural dos lares dos participantes da pesquisa efocando a influência do estilo de apego da mãe no comportamento da criança, mas não do pai. Finalmente, como ressaltam Tacón e Caldera (2001), as pesquisas no campo da teoria do apego têm envolvido em sua maior parte participantes brancose de classe média.

Destarte uma iniciativa que vise contemplar a teoria do apego, utilizando-se de uma abordagem metodológica que envolva pais, mães e filhos, o que ainda não foi explorado no Brasil, envolvendo participantes de classes sociais e etnias diferentes do comumente verificado neste campo, será uma contribuição importante e inovadora para o contexto acadêmico brasileiro e internacional, como também para a sociedade ao largo. Essas contribuições podem se traduzir em conhecimento sistematizado, o qual

poderá ser utilizado para um maior entendimento das relações afetivas intrafamiliares e o impacto de cada estilo de apego no comportamento das crianças e pais envolvidos na pesquisa, o que, por sua vez, pode munir professores, pedagogos e diretores das instituições envolvidas com informações valiosas e a possibilidade de participarem e promoverem momentos de formação e aprofundamento do tema, assim como sua aplicabilidade para o contexto educacional. Para a comunidade científica a contribuição mais significativa se expressa como um “mergulho” mais profundo no domínio e entendimento da Teoria do Apego, já que a presente iniciativa é possivelmente a primeira envolvendo genitores e filhos (as) e direcionada para o estudo do efeito combinado dos estilos de apego dos genitores no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos (as).

É sobre isso que o presente documento versa. Ademais, existe um interesse pessoal do autor em aprofundar os conhecimentos no campo da teoria do apego e em contribuir para uma maior divulgação nacional da mesma, assim como para um enriquecimento mais abrangente da teoria.

Os aspectos éticos decorrentes do tipo de abordagem aqui proposta não foram em nenhum momento ignorados, o anonimato dos participantes da pesquisa e das instituições onde se efetuou as coletas de dados foi preservado em todo processo de pesquisa e produção final desta tese.

## **Problema**

Considerando os argumentos apontados anteriormente, o problema de pesquisa do presente trabalho se delinea da seguinte forma: a combinação dos estilos de apego de pais e mães ou casais cuidadores exerce alguma influência no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos e filhas?

## **Hipóteses**

Do problema de pesquisa surgem as seguintes hipóteses (ver argumentação do capítulo I para sua justificativa):

1. Quando o casal que cuida dos filhos possui estilos de apego semelhantes, os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar da mesma forma dos pais.
2. Quando o casal possui um, o estilo seguro, o outro, o estilo inseguro; os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar de maneira mais próxima ao estilo de apego seguro do pai ou da mãe.

## **Objetivo Geral**

Verificar a constituição dos estilos de apego dos genitores de famílias brasileiras, mais especificamente habitantes recifenses, e se a combinação desses estilos exerce alguma influência no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos (as).

## **Objetivos Específicos**

- Identificar os estilos de apego correntes dos pais ou casal cuidador
- Identificar o estilo de apego do(s) filho(s) ou filha(s)
- Identificar os padrões de estilos de apego nas tríades (genitores e filho (a))
- Estabelecer possíveis relações entre os estilos de apego dos pais/cuidadores e seus filhos

## Capítulo I

### TEORIA DO APEGO: PRINCIPAIS ASPECTOS E SUA EVOLUÇÃO

#### Os primórdios da Teoria do Apego

A Teoria do Apego começou a ser formulada e divulgada na segunda metade do século passado pelo psicanalista e psiquiatra inglês John Bowlby. A partir de 1969, quando Bowlby teve seu primeiro livro “AttachmentandLoss” publicado, este seria apenas o início daquilo que viria a ser conhecido no mundo todo como uma maneira diferente e abrangente de se explicar o desenvolvimento sócio-afetivo-emocional do ser humano. Posteriormente Bowlby publicou outros dois livros em 1973 e 1980, completando assim a trilogia “AttachmentandLoss”, a qual continha todo arcabouço teórico necessário para o desenvolvimento de sua teoria.

A partir de várias perspectivas teóricas, especialmente da biologia evolucionária, da etologia e psicanálise, e de observações sistemáticas das relações primárias da díade mãe-filho (a), Bowlby começou a elaborar certos postulados, os quais se propunham explicar como se dá o desenvolvimento humano no campo afetivo-emocional. Para Bowlby o ser humano nasce com um sistema comportamental filogeneticamente herdado e que serve de estratégia de preservação da sua raça. Enquanto outros animais logo ao nascerem conseguem de imediato efetuar certas ações como caminhar e pressentir o perigo buscando abrigo para se proteger, o ser humano dispõe apenas de elementos comportamentais que se apresentam mais como sinais ou alertas de uma

necessidade eminente, do que como uma ação independente na busca da solução de um problema. Em outras palavras, o ser humano depende da ação concreta de outros seres humanos para que o mesmo possa sobreviver. A este sistema de sinais ou alertas Bowlby denominou de “Comportamento de Apego”. O comportamento de apego, portanto, é um mecanismo inato que tem como objetivo aproximar o bebê, apenas nascido, de sua mãe, a qual servirá inicialmente como agente protetor do mesmo, no sentido mais amplo. Com o passar do tempo a relação mãe-bebê se torna um vínculo afetivo e a mãe passa a representar a figura de apego inicial do infante. Deste vínculo afetivo, desta relação inicial mãe-bebê, por sua vez, emergirá no indivíduo um modelo representacional de si mesmo, dos outros e do mundo que o cerca, modelo este denominado *InternalWorkingModel*(IWM) ou Modelo Interno de Funcionamento. Tal modelo se delineará de várias maneiras, dependendo da qualidade dos primeiros contatos e relações de cuidados do bebê com sua mãe ou cuidador (Bradford & Lyddon, 1994). Assim como o sistema de comportamento de apego permanecerá ativo durante toda a vida do indivíduo, o IWM permanecerá bastante estável, embora não imutável (Bowlby, 1969, 1973, 1980).

Depois de estabelecidos os pressupostos iniciais de sua teoria, muitas pesquisas foram se desenvolvendo no mundo, mas foi a de Mary Ainsworth e colaboradores que trouxe uma contribuição significativa para o robustecimento da teoria do apego. Ao investigar na Uganda relações primárias de muitas mães e seus filhos (as), Ainsworth *et al.* (1978), utilizando-se de um método experimental novo criado por aqueles autores conhecido mundialmente como “Strange Situation”, identificou estratégias diferentes de comportamento de apego das crianças em relação a suas figuras de apego. Tais estratégias de apego foram classificadas segundo Ainsworth *et al.* (1978) como sendo: estilo de apego “seguro” e “inseguro”; este último tendo ainda uma subdivisão, qual

seja “ansioso” e “evitante”. Main e Hesse (1990) apontam ainda um quarto estilo de apego, o qual foi chamado de “desorganizado”.

O apego seguro se desenvolve quando a mãe ou cuidador (a) se torna uma base segura, a partir da qual a criança possa explorar o ambiente que a rodeia sem temer a ausência de um apoio seguro ou proteção por parte de quem cuida da mesma, caso algo venha ameaçar a integridade da criança. O apego inseguro do tipo ansioso se desenvolve quando na relação mãe-criança ou cuidador (a)-criança, estes ora correspondem às demandas da criança de forma consistente, ora não o fazem; o que, por sua vez, gera um nível alto de ansiedade na criança que passa a não ter a certeza de que quando precisar de apoio seguro, a mãe ou cuidador (a) estará presente para protegê-la ou ajudá-la em algo. O apego inseguro do tipo evitante se desenvolve quando a relação mãe-criança ou cuidador (a)-criança se dá de forma distanciada, ou seja, a mãe raramente ou nunca se mostra presente diante das necessidades de proteção da criança. O estilo de apego desorganizado se desenvolve quando aquele (a) que deveria servir como base segura para a criança se torna uma fonte de ameaça à integridade física e emocional da mesma; geralmente em ambientes onde a criança sofre abusos por parte dos próprios pais ou cuidadores.

De maneira geral, pessoas com estilo de apego inseguro do tipo ansioso hiperativam o mecanismo de estratégias de regulação do afeto, enquanto que as que desenvolvem o do tipo evitante desativam tal mecanismo (Ein-Dor, Mikulincer, Doron & Shaver, 2010). Segundo Ainsworth (1989), é o padrão de aproximação mãe-filho (a), não a frequência, que vai predizer que tipo de vínculo afetivo ou apego se estabelecerá com o tempo. Portanto, o fator principal no estabelecimento de um ou de outro estilo de apego é a qualidade da relação mãe-filho (a) ou cuidador (a)-filho (a).

## **A importância das relações primárias**

De fato, Shomaker e Furman (2009), ressaltam que a segurança nas primeiras relações de apego entre filhos e pais está associada a uma maior competência social, amizades qualitativamente positivas e popularidade na infância e também adolescência. Tal afirmação corrobora o que tem sido amplamente difundido na literatura a respeito da responsividade materna como sendo elemento fundamental para o desenvolvimento infantil saudável. No entanto, Ribas e Moura (2004) chama a atenção para a necessidade de estudos sobre a responsividade materna e sua influência para o desenvolvimento infantil em contextos socioculturais diferentes, assim como sua interlocução com a teoria do apego e suas variações em contextos socioculturais diversos. Foi considerando esses aspectos num estudo bastante interessante sobre a sensibilidade materna durante o banho e sua relação com classe social e educação, que Silva, Le Pendu, Pontes e Dubois (2002), frisando a importância na Teoria do Apego dada à qualidade da relação mãe-bebê para o desenvolvimento da criança, realizaram 60 filmagens de banhos de bebês de 0 a 1 ano com mães de classe baixa e média de idades entre 18 e 40 anos. Os autores encontraram menores frequências de sensibilidade em mães de baixa renda em comparação àquelas de classe média, as quais apresentavam maior nível de escolaridade, mais idade e tinham com quem dividir os cuidados infantis, o que, por sua vez, sugere que a sensibilidade materna é um fenômeno relacionado com variáveis socioculturais. Já Lara *et al.* (1994), estudando no México a conduta de apego de crianças entre 5 e 6 anos entre mães que trabalhavam (N=103) e aquelas que não trabalhavam fora do ambiente familiar (N=108), afirmam que os resultados de sua pesquisa apontaram não existir diferenças significativas nos padrões de apego entre os dois grupos estudados. No entanto, segundo os mesmos autores, as crianças filhas de

mães trabalhadoras apresentaram um desenvolvimento significativo maior em relação às filhas de mães que não trabalhavam externamente. Os autores concluem que estar no mercado de trabalho não era condição para o desenvolvimento nas crianças de apego inseguro ou para a inabilidade de se vincular – conclusões que reforçam o argumento de Mary Ainsworth (1989) sobre a importância do padrão de aproximação mãe-filhos como sendo muito mais importante do que a frequência dessas aproximações; até porque uma convivência maior com mães de estilos de apego inseguros supostamente aumentaria as chances de seus filhos desenvolverem os mesmos padrões de apego. Partindo de outra perspectiva, mas ainda versando sobre vinculação materna, Schmidt e Argimon (2009) num estudo envolvendo 136 gestantes de idades entre 18 e 42 anos, do 6º ao 9º mês de gestação e de escolaridade mínima de 5ª série, avaliaram as relações existentes entre vinculação da gestante, níveis de ansiedade, depressão e apego materno fetal. Os autores ressaltam que os resultados da pesquisa indicam que existem relações significativas entre o tipo de vinculação da gestante, o apego materno fetal e sintomas depressivos, com as gestantes com vinculação segura apresentando apego materno fetal alto e sintomas depressivos e ansiosos baixíssimos.

Numa outra vertente, Attili, Vermigli e Roazzi (2011) desenvolveram um estudo na Itália onde analisaram a influência dos estilos de apego de genitores no status social e comportamento de crianças de sete a nove anos, o qual aponta para o fato de que crianças, as quais tinham pais que apresentavam comportamento positivo como o de encorajar e ajudar seus filhos (as), apresentaram uma maior habilidade para começar e manter bons relacionamentos com seus pares. Por outro lado, o insucesso de algumas crianças em estabelecer relacionamentos e serem aceitos por seus pares estava relacionado com estilos parentais de educação baseados em negligência e interações negativas desconfirmantes.

Já Dalbem e Dell’Aglia (2008), a partir de um estudo realizado no Brasil envolvendo adolescentes entre 12 e 14 anos, institucionalizadas por medida de proteção, com padrões de apego preocupado/ansioso e evitativo/desapegado e que sofreram experiências de separação da figura materna na infância, verificaram que novos processos de resiliência na construção de novas relações afetivas com pares e adultos emergiram após a institucionalização das adolescentes. Apesar da influência inegável do comportamento e atitude dos pais, das primeiras relações afetivas com seus filhos, no que concerne o desenvolvimento dos mesmos parecem existir outras variáveis socioculturais e ambientais que participam do processo de estabelecimento de seus estilos de apego. O que, por consequência, abre espaço para se especular sobre a possibilidade de estabelecimento de múltiplos padrões de apego de uma única pessoa em relação a outras pessoas de seu convívio, ou até mesmo animais como enfatizado por Kurdek (2008) mais adiante. Em outras palavras, uma pergunta interessante para outra ocasião de pesquisa seria se uma única pessoa pode apresentar estilos de apego diferentes a depender da figura de apego de cada relação interpessoal.

### **A transferência intergeracional dos estilos de apego**

Quando estabelecendo como foco as relações intrafamiliares entre pais e filhos, uma das explicações para a transferência das relações positivas ou negativas entre aqueles para outros relacionamentos ao longo está no argumento de que crianças e adolescentes criam modelos representacionais de como devem ser as relações com seus pares a partir de suas vivências com os próprios pais e dos exemplos dos relacionamentos entre os pais (Shomaker & Furman, 2009; Ng & Smith, 2006). Obegi, Morrison e Shaver (2004) afirmam que o mecanismo responsável pela transmissão

intergeracional de estilos de apego de pais para filhos (as) é, ao menos em parte, a qualidade dos cuidados dados pelos genitores, os quais são moldados pelos próprios estilos de apego destes – o argumento desses autores dá suporte à própria iniciativa de pesquisa aqui apresentada, já que o intuito da mesma é, mesmo que indiretamente, verificar essa transmissão intergeracional partindo da leitura do efeito combinado dos estilos de apego de genitores no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos. Dando suporte ao argumento daqueles autores, Ein-Dor, Mikulincer, Doron e Shaver (2010) apud Main, Kaplan e Cassidy (1985) apontam que a qualidade das interações entre pais e filhos medeia a transmissão intergeracional do apego.

Dalbem e Dell'Aglio (2006 p.8) afirmam que

Apesar de existirem controvérsias sobre o aspecto da generalização dos padrões de interação primários para relações futuras, durante o ciclo vital, estudos longitudinais diversos (FONAGY, 1999) têm demonstrado a estabilidade do apego, tanto na adolescência como na vida adulta.

Os mesmos autores em outro estudo (2008) oferecem uma descrição dos padrões de estilos de apego que se apresentam na adolescência. No padrão seguro/autônomo, adolescentes apresentam facilidade de comunicação, de exprimir seus sentimentos com clareza, baixos sinais de ansiedade e depressão, autoconfiança, facilidade de interagir socialmente, percepção positiva dos outros e do mundo. No padrão evitativo/desapegado, adolescentes tendem a idealizar suas experiências de infância ao mesmo tempo em que tem dificuldades de lembrar certas experiências daquele período, apresentam severidade na autocrítica, distanciamento emocional, hostilidade nos relacionamentos, desconfiança dos outros, percepção negativa dos outros e positiva de si mesmo, entre outros. No padrão preocupado/ansioso, os adolescentes apresentam relatos vagos e inconsistentes de experiências da infância, baixa autoestima, percepção

positiva dos outros, sinais de depressão, relacionamentos afetivos conflituosos, tendência à introversão, entre outros. No padrão desorganizado/desorientado, os adolescentes apresentam sinais de desorganização, relatos de vivências negativas em predominância, apontam seus cuidadores como fonte de ameaça e/ou medo, incongruência afetiva, entre outros.

### **Estilos de apego e reações físico-emocionais**

Num estudo realizado por Davis, Shaver e Vernon (2003) sobre reações físicas, emocionais e comportamentais diante do evento de término/perda de relacionamento romântico entre adultos, os autores enfatizam que existem três estratégias básicas de enfrentamento. Os de padrão seguro tendem a expressar seus sentimentos abertamente para seu companheiro (a), a procurar amigos ou familiares para buscar conforto emocional, demonstram melhor capacidade de entendimento da decisão de quem termina o relacionamento, e respondem de forma não agressiva ao evento. Os de padrão evitante, tendem a não expressar qualquer tipo de emoção como raiva, a não procurar apoio por parte de outras pessoas e a não insistir para manter o relacionamento; tendem a se livrar de coisas e lugares que venham lembrar o (a) outro (a), a se culpar pelo término do relacionamento e a fazer uso de estratégias antissociais para lidar com o problema como se embriagar e a fazer uso de drogas. Os de padrão ansioso tendem a apresentar comportamento agressivo ou sedutor para reatar o relacionamento, a chorar demasiadamente e até mesmo gritar como também a fazer cara de inocente e indefeso para comover o outro. Tais estratégias estão estreitamente relacionadas aos estilos de apego de cada participante da relação romântica. Esses estilos de apego adultos, por sua vez, seriam uma consequência da estabilidade dos IWM surgidos na infância e que

passam a guiar, na fase adulta e em relacionamentos românticos, diversas maneiras de se “negociar” as interações nos diversos tipos de relacionamentos que estabelecemos durante a vida (Obegi, Morrison & Shaver, 2004). No mesmo sentido, Ng e Smith (2006) apud Cohn *et al.* (1992) ressaltam que casais com estilos de apego inseguros se encontram mais frequentemente em relacionamentos conflituosos e em relacionamentos pais-filhos (as) menos efetivos.

### **Comportamentos parentais abusivos e sua influência na emergência de estilos de apego de seus filhos**

Noutra perspectiva, George (1996) resalta que na literatura a respeito do abuso de crianças, pais com estilos de apego inseguros estão mais propensos a expressar um comportamento parental abusivo para com seus filhos. Karakus (2012) também abrangendo o tema do comportamento abusivo de pais, encontraram uma relação negativa significativa entre o estilo de apego seguro e abuso emocional, uma relação positiva significativa entre o estilo de apego ansioso/preocupado e abuso físico, uma relação positiva significativa entre o estilo de apego evitativo/desapegado e abuso emocional e uma relação positiva significativa entre o estilo de apego amedrontado e abuso físico para com filhos. O autor enfatiza ainda que outros estudos ressaltam o fato de que eventos traumáticos na infância podem desencadear estilos de apego inseguros e que indivíduos que sofreram abuso físico e emocional em suas famílias aparentemente não conseguem desenvolver estilos de apego seguros. Hoeve *et al.* (2012) realizando uma meta-análise de 74 estudos científicos sobre o comportamento de apego direcionado a genitores e a emergência de comportamento delinquente, constataram que um comportamento pobre de apego aos pais está significativamente associado à delinquência em meninos e meninas, e que quanto menor a idade maior o impacto

negativo do comportamento pobre de apego. Ademais, a relação se mostra mais forte entre filhos e mães do que entre filhos e pais. Os autores concluem com afirmação de que o comportamento de apego está associado à delinquência. Wellausen e Bandeira (2010) avaliando se o tipo de vínculo entre pais e filhos está associado ao desenvolvimento do comportamento antissocial, relatam que o controle parental exercido sem afeto, tanto da parte do pai quanto da mãe, está significativamente relacionado principalmente aos crimes contra o patrimônio e que o desenvolvimento do TASP (Transtorno Antissocial de Personalidade) tem uma relação significativa forte com o controle parental sem afeto da parte de ambos os pais. Apesar deste último estudo não se referir diretamente a classificação de estilos de apego de genitores, é possível supor a partir dos achados daquela pesquisa que genitores que combinam estilos de apego evitantes/desapegados e desorganizados têm uma chance maior de terem filhos que desenvolverão o TASP na fase adulta.

### **“Pros e Contras” dos estilos de apego**

De uma forma geral na literatura o estilo de apego seguro está associado a uma maior probabilidade de ajustamento sócio-afetivo-emocional, enquanto que o estilo de apego inseguro com suas variações, assim como o desorganizado estão associados a uma série de psicopatologias e a comportamentos instáveis e antissociais, como também instabilidade emocional. Éthier, Lacharité e Couture (1994) afirmam, por exemplo, que crianças que passam por experiências estressantes durante a infância, as quais envolvam abusos físicos, crueldade emocional, disciplina rígida e desamorosa, abuso sexual, negligência e apoio emocional limitado e inconstante, geralmente possuem pais que passaram por experiências negativas na própria infância deles. Os mesmos autores ainda

ressaltam que não é a quantidade de eventos negativos na infância que predirá o nível de incapacidade dos pais em dar o afeto necessário e uma educação equilibrada para seus filhos, mas sim a intensidade emocional dessas experiências e suas consequências para o desenvolvimento da pessoa. Aqui o que decorre à luz da teoria do apego é que tais experiências negativas podem gerar um nível de ansiedade e de stress extremamente alto nas crianças o que, ao seu turno, facilita a emergência de estilos de apego inseguros ou desorganizados. Ainda considerando o argumento do nível de stress em estilos de apego diferentes, Garrido-Rojas (2006), num estudo teórico bastante interessante a respeito das possíveis consequências para saúde decorrentes de estados emocionais derivantes dos estilos de apego seguro e inseguro, afirma que cada estilo de apego apresenta emoções distintas e que algumas emoções como a raiva, ira, ansiedade, hostilidade e stress têm um efeito negativo para saúde física das pessoas. A autora destaca a hipótese de que pessoas com estilos de apego inseguros (tanto ambivalentes quanto evitantes) estão mais propensas a esses efeitos negativos, justamente por apresentar tais emoções negativas com frequência. Por outro lado, pessoas com estilos de apego seguros tendem a apresentar uma saúde física melhor por apresentarem com frequência emoções como alegria, confiança, segurança e tranquilidade. Noutro estudo teórico, Silva (2012) levanta a hipótese de que estados motivacionais em atletas de alto rendimento podem ser previstos a partir da identificação dos estilos de apego dos atletas. Silva enfatiza que se aspectos motivacionais são influenciados pelas emoções e as mesmas influenciam nosso comportamento que se manifesta sobre a influência de nossa personalidade. E se nosso comportamento é influenciado pela nossa personalidade e esta se constitui através de interações sociais num determinado ambiente cultural, é possível argumentar também que os estilos de apego, os quais moldam a personalidade, determinam a maneira como as emoções se expressam e, por consequência, os estados

motivacionais também. Portanto, é plausível afirmar que a motivação de cada pessoa é diretamente influenciada pelos seus estilos de apego.

Por fim, Costa e Roazzi (2009, p.3) analisando percepção de risco e estilos de apego em especialistas afirmam que

o aumento da tendência em reagir às situações ameaçadoras pode ser decorrência da incerteza sobre a disponibilidade das figuras de apego. Mais especificamente, a susceptibilidade de um indivíduo em reagir com medo quando encontra uma situação potencialmente alarmante é determinada em grande parte do tipo de previsão que ele efetua sobre a provável disponibilidade de suas figuras de apego. Tais previsões decorrem da estrutura dos modelos operativos da figura de apego e do self que ele está utilizando. Portanto, o apego ao longo do eixo segurança/insegurança foi capaz de modificar a percepção do risco dos participantes, ou seja, do grupo de adultos especialistas.

### **Divórcio, relações parentais conflituosas e estilos de apego**

Abordando aspectos relativos ao apego, conflito e autoestima em famílias divorciadas e “intactas” incluindo 403 adolescentes entre 14 e 19 anos, Mota e Matos (2009) verificaram que níveis elevados de autoestima estão associados com uma elevada qualidade dos apegos aos pais e não com a estrutura familiar (divorciados ou não), ou seja, que adolescentes com estilos de apego seguros apresentam autoestima mais elevada que aqueles de estilos de apego inseguros. O importante, segundo tal estudo, é a qualidade da relação de apego entre adolescentes e seus pais, ainda que os mesmos estejam separados. Corroborando o estudo de Mota e Matos (2009), Ramires (2004), realizando pesquisa sobre transições familiares e as perspectivas de crianças e adolescentes, constatou que crianças e pré-adolescentes que haviam estabelecido um estilo de apego seguro a partir das relações com seus pais apresentaram menores dificuldades para lidar com o processo transitório de separação ou divórcio. Aparentemente, o estilo de apego seguro serve como fator de resiliência no

enfrentamento de tais transições. Pugliese, Cohen, Farnia e Lojkasek (2010) examinando a emergência das relações de apego entre bebês chineses adotados e suas mães adotivas canadenses, a partir de uma comparação entre o primeiro grupo e um grupo de famílias canadenses com bebês não adotados com mães e bebês de idade e origem familiar similar, constataram que um grau moderado de privação emocional experimentado pelos bebês adotados não diminui a habilidade de formar novos vínculos afetivos com suas mães adotivas. Aparentemente o comportamento de apego está aberto a rápidas mudanças, mesmo depois de algum tempo quando as crianças já deveriam ter estabelecido relacionamentos de apego. Novamente aqui, de certa forma, e ainda que indiretamente, os estudos de Mota e Matos (2009), Ramires (2004) e Pugliese, Cohen, Farnia e Lojkasek (2010) corroboram o argumento de Ainsworth (1989) de que o mais importante no estabelecimento dos estilos de apego é o padrão da relação mãe/filho(a) e não sua frequência, já que o nível de autoestima é influenciado pelo tipo de estilo de apego e tanto um aspecto como outro estão relacionados à qualidade da relação pais-filhos.

### **Instrumentos de avaliação dos estilos de apego**

Outras iniciativas têm contemplado os instrumentos de avaliação de estilos de apego disponíveis na literatura. É o caso de Guzman e Medina (2007), os quais verificaram a aplicabilidade da adaptação para o espanhol e para a realidade chilena do “Adult Attachment Prototype Rating (AAPR)”, um instrumento em formato de entrevista direcionado para a avaliação de estilos de apego em pessoas adultas. Os autores encontraram um alto nível de confiabilidade entre o instrumento original e a versão chilena do mesmo. Pardo, Pineda, Carrillo e Castro (2006), a partir de uma amostra

envolvendo 1435 adolescentes colombianos, testaram a validade e confiabilidade da versão em espanhol do IPPA (Inventory of Parents and Peers Attachment). A conclusão do estudo foi a de que o IPPA versão em espanhol, com os devidos ajustes e adaptações, apresentou um alto índice de confiabilidade e validade para o contexto colombiano. Alonso-Arbiol, Balluerka e Shaver (2007) avaliaram uma versão em espanhol do questionário do ECR (Experience in Close Relationships), criada através do procedimento de *backtranslation*, e concluíram que em termos de consistência interna e estabilidade temporal o ECR-S é confiável. Uma versão brasileira do ECR, validada por Roazzi (em preparação), também apresentou consistência interna e confiabilidade para sua aplicação no contexto brasileiro. Foi esta a versão adotada para avaliação dos estilos de apego de pais e mães envolvidos nesta pesquisa. Attili (2001) se dedicou a validar uma versão em italiano do SAT (Separation Anxiety Test) original desenvolvido por Klagsburn e Bowlby (1976) para a realidade inglesa. O SAT se caracteriza como um teste projetivo que pode ser usado na identificação dos estilos de apego de crianças, mas também de adultos. Os critérios para a modificação do SAT original por Attili (2001) portou como base critérios de ajustamento linguístico e cultural, o que por sua vez, se adequou de forma bastante coerente à realidade brasileira, de modo mais específico para o presente estudo, visto que mesmo com todos os processos de tradução e tradução reversa e levando em consideração as situações moderadas e severas classificadas a partir do viés cultural, as crianças envolvidas na coleta de dados não apresentaram problemas ou dificuldades em responder o SAT-B (aqui assim denominado).

### **Vantagens e desvantagens dos estilos de apego**

Num estudo inovador a respeito dos aspectos positivos e negativos e dos benefícios e consequências negativas provindos de todos os estilos de apego, Ein-Dor, Mikulincer, Doron e Shaver (2010) propõem uma nova teoria, a qual foi denominada pelos autores de *Social Defense Theory* (SDT) ou Teoria da Defesa Social. Esses pesquisadores afirmam que diversas pesquisas no campo da teoria do apego têm apontado para o fato de que cerca de 33% (ou aprox. 2,5 bilhões de pessoas) da população mundial possuem estilos de apego inseguro, e que tomando como referencial tal indicativo seria uma contradição associar os estilos de apego inseguros apenas com aspectos negativos; pelo menos do ponto de vista evolutivo.

O raciocínio empregado por aqueles autores é que durante a evolução humana pessoas que possuíam estilos de apego inseguros, quais sejam o ansioso e o evitante, como também o estilo de apego seguro, teriam cada qual um papel importante na preservação de seus pares. Enquanto aqueles com estilo de apego seguro serviriam para manter a coesão do grupo e o equilíbrio emocional do mesmo. Os que possuíam estilo de apego inseguro ansioso/ambivalente, por exemplo, por apresentarem um alto nível de ansiedade diante de ameaças e perigos, desencadeariam reações ou *scripts* de sentinelas, alertando os outros em relação ao perigo emergente. Já os que possuíam estilo de apego inseguro evitante, por apresentarem um distanciamento emocional dos outros e uma atitude bastante individualista, desencadeariam reações ou *scripts* do tipo *fight-flight* (lutar ou correr), o que, por consequência, facilitariam a busca de alternativas de fuga, mesmo que a intenção inicial daqueles tenha sido apenas de se salvar primeiro. Todas essas atitudes e reações aumentariam, portanto, as chances de sobrevivência num tempo em que as ameaças à integridade física do ser humano eram mais severas. Se as evidências científicas sobre a plausibilidade da SDT aumentarem, a mesma poderá

servir como um passo à frente no entendimento sobre a verdadeira função do ponto de vista social de cada estilo de apego. Novos questionamentos e novas respostas, pegando emprestados os termos de Lev Vygotsky, envolvendo o aspecto filogenético, ontogenético, sociogenético, microgenético e genético também virão à tona. Porém, já considerando a pertinência dos argumentos da SDT, sua lógica poderá ser utilizada nas mais diversas áreas e funções sociais como, por exemplo, na seleção mais acurada de pessoal para determinados funções e cargos profissionais.

### **Outras possibilidades de base segura e figuras de apego**

Outras pesquisas no campo da teoria do apego têm tomado rumos inabituais, como o caso da pesquisa desenvolvida por Kurdek (2008), a qual enfatiza a possibilidade de pessoas adotarem cães como substitutos de uma base segura. Em outras palavras, estes animais de estimação passariam a exercer a função de figura de apego. Kurdek parte do princípio de que existem inúmeras evidências científicas de que as pessoas podem desenvolver comportamentos de apego a múltiplas figuras de apego e que cães poderiam exercer a função de uma delas. Tomando com referência várias comparações diferentes como cães x humanos como figuras de apego hierarquicamente importantes, cães x humanos em proximidade como função de apego global e cães x humanos em nível de manutenção de proximidade, os achados da pesquisa que envolveu 923 alunos universitários são surpreendentes. No que diz respeito ao primeiro aspecto, 22% dos participantes apontaram seus cães como tendo alto grau de status como figuras de apego comparados com outras figuras como mães, pais e amigos. Quanto ao segundo aspecto, um subgrupo de proprietários de cães apontou os mesmos como tendo um alto nível de proximidade com seus animais, sendo esta

comparada à proximidade com mães, irmãos e melhores amigos. No quesito da manutenção da proximidade com a figura de apego, cães foram apontados como tendo o status semelhante a pais (homens) e irmãos. De uma forma geral os achados da pesquisa de Kurdek (2008) são interessantes e importantes, pois podem ajudar a entender o recente fenômeno da “humanização” de animais de estimação na sociedade contemporânea, como também a função de animais de estimação como auxiliares em psicoterapias.

Seguindo tendência similar, Sim e Loh (2003) analisaram a possibilidade de Deus (no sentido amplo e sem restrição a qualquer religião específica) ser tomado como figura de apego. Partindo de quatro aspectos específicos da teoria do apego (Deus como fonte de segurança e como base segura para exploração, procura e manutenção de proximidade com Deus e reações de separação de Deus), assim como dos pressupostos de que Deus em muitas religiões pode servir como fonte de esperança e otimismo, como base segura que promove satisfação e conforto no confronto diário de novos desafios e que em muitas religiões Deus se apresenta, ora como a figura de um pai, ora como a figura de uma mãe. Siam e Loh construíram e validaram um instrumento com o intuito de avaliar a real possibilidade do ser humano exibir o comportamento de apego em relação à figura de Deus. De uma maneira geral, os achados de sua pesquisa apontam para o fato de que a maior parte dos 243 universitários participantes do estudo considera o apego ao pai e a mãe como sendo diferente daquele direcionado a Deus. No entanto, isso não invalida o argumento de que é possível estabelecer múltiplos comportamentos de apego direcionados a diferentes figuras de apego. Ademais, a pesquisa aponta também para o fato de que Deus, mesmo sendo uma entidade não-física, pode ser tomado como figura de apego principalmente quando indivíduos se deparam com aspectos futuros da vida que demandam uma atitude de esperança e de confiança diante

do incerto. Enquanto que figuras de apego humanas estariam possivelmente mais relacionadas ao “aqui-e-agora”, a aspectos como a autoestima e sentimento de satisfação com coisas tangíveis, ainda que se trate de uma “tangibilidade” subjetiva como é o caso da realização de um trabalho intelectual.

### **Estilos de apego versus confiança filhos-mães**

Um estudo longitudinal, sobre a confiança de crianças nas dicas e explicações de suas mães referentes a aspectos diversos em confronto com aquelas dadas por uma pessoa estranha, tem constatado que a confiança de crianças nas orientações de suas mães é influenciada pelos seus estilos de apego. Curriveau *et al.* (2009) afirmam que crianças com estilos de apego seguro de uma forma geral tendem a confiar mais nas suas mães do que em estranhos quando elas apresentam dicas e explicações coerentes, mas também em estranhos quando seus argumentos são mais convincentes. Por sua vez, crianças com estilos de apego ansioso-evitante tendem a não confiar em suas mães independentemente das respostas dadas por elas serem mais coerentes do que as de estranhos; e crianças com estilos de apego ansioso-ambivalente tendem a confiar mais nas suas mães independentemente das respostas dadas por elas serem ou não mais coerentes do que as de estranhos. Tais evidências se mostram em consonância com as premissas da teoria do apego, pois se os estilos de apego se desenvolvem a partir das relações de correspondência ou não em apoio e afeto dos pais quando seus filhos apresentam necessidades físico-afetivo-emocionais. Seria de se esperar que, naqueles casos em que a criança não pode confiar na estabilidade e frequência de responsividade de seus pais, as mesmas desenvolvam desconfiança nos seus genitores e transfiram essa desconfiança para outras situações do cotidiano. Borré, Castillo e Gutiérrez (2006) sobre

a relação de apego envolvendo adolescentes e seus bebês prematuros. Apesar de a literatura apontar a vulnerabilidade de bebês filhos de mães adolescentes, estas por tenderem a não oferecer os cuidados necessários para um desenvolvimento sadio de seus filhos. Os achados da pesquisa desses autores apontam para o fato de que, adolescentes mães e bebês que foram envolvidas no programa “Mãe Canguru” na Colômbia em comparação com aquelas que tiveram seus bebês em incubadoras, apresentaram uma sensibilidade e responsividade maior aos seus filhos e uma diminuição dos efeitos negativos da pobreza, prematuridade, hospitalização e maternidade adolescente sobre a segurança do infante. Ademais, o programa não aumenta as chances do estabelecimento de estilos de apego inseguros nos bebês, o que pode indicar o aumento das chances da emergência de estilos de apego seguro nos mesmos. Considerando que a confiança de crianças nas orientações de suas mães é influenciada pelos seus estilos de apego (Curry *et al.*, 2009) e que o contato maior, sensibilidade e responsividade maior das mães adolescentes para com seus bebês prematuros, através do programa “Mãe Canguru” (Borré, Carrillo & Gutiérrez, 2006) facilite o estabelecimento do estilo de apego seguro por meio da relação diádica, é plausível se especular que as relações de confiança-desconfiança entre mãe-filho(a) se estabeleça até mesmo antes do surgimento da linguagem em crianças. E ainda mais estreitamente ligado à relação entre os dois estudos anteriormente mencionados, é possível afirmar que programas como o “Mãe Canguru” servem como incubadoras de relações de confiança mútua entre mães e seus filhos.

Indo, de certa forma, na tendência oposta àquela apontada no estudo anterior, onde a literatura de um modo geral ressalta a vulnerabilidade das relações mãe adolescentes com seus bebês, Ávila *et al.* (2004), a partir da observação sistematizada das interações mães-bebês em duas ocasiões, investigaram o padrão de estilos de apego

em três gerações (avó, mãe adolescente e filho) também na Colômbia. Os resultados de sua pesquisa contradizem a literatura no que concernem mães adolescentes e padrões inadequados de interações entre as mesmas e seus bebês. A maioria das mães envolvidas no estudo (N=30) estabeleceram relacionamentos seguros caracterizados por sensibilidade e responsividade aos bebês e um alto nível de comunicação num contexto adequado de permissão da exploração do ambiente por parte dos bebês. Assim como as adolescentes, o estudo ainda indicou escores seguros para as relações avós-bebês, mas não nas mesmas proporções, com as mães obtendo um escore maior que as avós, o que segundo os autores, indica que as mães adolescentes são a figura de apego principal dos bebês.

### **A importância do pai nas relações de apego**

Outro aspecto que vem sendo abordado mais recentemente é a importância da figura do pai nas relações de apego. Punyanunt-Carter (2006) enfatiza de modo especial o fato de que poucas pesquisas nesta área direcionaram o olhar para relação pai-filha e que a maior parte das pesquisas que envolveram o estudo da manutenção de relacionamentos está voltada a casais ou relacionamentos românticos. Num estudo compreendendo 250 mulheres com idades entre 18 e 35 anos com seus respectivos pais vivos, Punyanunt-Carter não encontrou evidências de que os estilos de apego de pais e filhas influenciam o comportamento de manutenção de relacionamento entre eles. Tacón e Caldera (2001), Mallinckrodt e Wang (2004) e Alonso-Arbiol, Balluerka e Shaver (2007) enfatizam a possível existência de variações crossculturais na distribuição e comportamento de apego, que pouco se investigou sobre as populações hispânicas, o que põe em questionamento a universalidade dos princípios da teoria de

apego. Num estudo envolvendo 155 estudantes universitárias americanas de descendência mexicana e de etnia brancanão mexicana e com o intuito de investigar aspectos dos relacionamentos entre pais e filhas, Tacón e Caldera (2001) descobriram que as mães inicialmente obtiveram escores maiores em relação ao histórico de cuidados afetuosos para os dois grupos de universitárias. No entanto, os escores se invertiam em termos de relevância da figura de apego quando se tratava das universitárias (de descendência mexicana e não mexicana) que se encontravam no período final da adolescência, ou seja, os pais passavam a ter um papel mais importante na relação de apego com as filhas. Tais resultados levaram aqueles autores a propor que as relações de apego entre genitores e filhos (as) seriam do tipo *holotropic* (se comportando como um holograma) com a participação dessas figuras de apego se alternando em importância durante o ciclo de vida de seus filhos (as).

Os achados sobre o histórico diferente de cuidados paternos e maternos mostram essa singular combinação holotrópica que se funde para influenciar mais tarde o desenvolvimento do apego; não é apenas uma figura de apego no status hierárquico, mas é o resultado totalizante do caleidoscópio organizacional do apego que gera a força do desenvolvimento (Tacón& Caldera, 2001 p.83).

O argumento acima de Tacón e Caldera também empresta suporte ao presente estudo no que concerne a importância da interação pai-mãe e filhos para o desenvolvimento destes últimos.

No mesmo sentido, Chae e Lee (2011), estudando os impactos das representações de apego de pais coreanos e seus comportamentos parentais na competência social de seus filhos de 5 anos de idade, constataram que o comportamento parental dos pais exercia um impacto significativo direto na competência social de suas filhas e que as representações de apego daqueles mesmos pais exerciam um impacto significativo indireto nos seus filhos homens. Recentemente, Attili, Vermigli

eRoazzi(2012) analisaram associações entre os IWM de pais e mães, a qualidade das relações destes com seus filhos e a aceitação social dos filhos e o papel do pai no que diz respeito à aceitação ou rejeição dos mesmos por parte de seus pares. O estudo dos pesquisadores envolveu 44 casais italianos e seus filhos de idade compreendida entre sete e nove anos, e foi realizado a partir de observações diretas no ambiente familiar dos participantes. Os achados da pesquisa segundo os autores indicam que casais, nos quais ambos os pais possuem estilos de apego seguros, estes apresentam comportamentos positivos com menos críticas e interferências e tendem a oferecer um ambiente familiar de segurança, com mais encorajamentos, ajuda aos seus filhos, conforto físico e mental e proteção de uma forma geral. Como consequência, filhos de genitores com modelos mentais seguros são bem aceitos entre seus pares. Naqueles casais cujos pais apresentam um modelo mental seguro e a mãe um modelo inseguro, a tendência é que o modelo mental seguro do pai além de promover a competência global dos dois genitores, serve também como proteção aos filhos, pois a influência do mesmo ajuda a mãe com estilo de apego inseguro a se comportar de forma mais afetuosa e participante. Desta forma, os filhos de casais que apresentam estilos de apego seguro e inseguro não diferenciam de maneira significativa daqueles cujos pais possuem, ambos, estilos de apego seguros; ou seja, os filhos também são bem aceitos entre seus pares. A pior situação, de acordo com os resultados da pesquisa de Attili, Vermigli eRoazzi (2012), são aqueles casais onde ambos os pais possuem estilos de apego inseguro, pois os mesmos tendem a apresentar comportamentos negativos e a oferecer um ambiente familiar instável para os seus filhos, o que acarreta a instabilidade emocional destes. Como consequência seus filhos tendem a ser mais rejeitados entre seus pares. Os resultados da pesquisa são importantes, pois apontam indícios claros de que os modelos mentais de genitores constituem e moldam a natureza da relação parental, como também a relação genitores-

filhos (as). E a partir da evidência de maior ou menor competência social dos filhos como influência dos estilos de apego de seus pais em sua totalidade se ratifica assim a ideia da transferência intergeracional dos IWM dos pais para seus filhos e a ideia aqui proposta de que a combinação dos estilos de apego dos genitores pode moldar ou influenciar na mesma direção o estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos.

### **O direcionamento do presente estudo**

Destarte, é na direção das poucas pesquisas envolvendo tríades na relação de apego entre pais (mãe e pai) e filhos que a presente iniciativa de pesquisa se move. O intuito é como brevemente apontado anteriormente, de verificar a constituição dos estilos de apego dos genitores de famílias brasileiras recifenses de etnia não branca, classe social C e D, e se a combinação desses estilos pode influenciar o estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos (as). Mais adiante serão apontados os procedimentos metodológicos para contemplar nossos propósitos.

## **Capítulo II**

## **METODOLOGIA: UMABREVEEXPLORAÇÃO**

Segundo Giddens citado por Hughes (1990), existem quatro pressupostos básicos que norteiam o positivismo. Primeiro, “a realidade consiste no que pode ser percebido pelos sentidos”. Segundo, “filosofia, mesmo sendo uma disciplina honorável é também parasítica em se tratando dos achados da ciência”. Terceiro, “as ciências naturais e humanas compartilham fundamentos metodológicos e lógicos”. Quarto, “existe uma diferença fundamental entre fato e valor; a ciência lidando com o primeiro, enquanto o último fazendo parte de uma ordem de discurso completamente diferente”. Embora tal argumento do autor sobre o que venha a ser ciência esteja um pouco desvirtuado para os tempos atuais, se baseado no argumento anterior é plausível concluir que na perspectiva do positivismo a realidade existe independente do mundo das ideias; ou seja, não se trata de uma projeção de nossas mentes e nem pode ser modificada através do valor que damos à realidade. Esta não é resultado de processos de interação e construção humanas, mas o resultado de respostas racionais influenciadas por leis sociais ou naturais (Sarantakos, 1998). A ênfase aqui é dada no pressuposto de que o conhecimento é para ser discernido, entendido e classificado sem se recorrer à consciência humana.

O positivismo em pesquisa social está voltado para a busca de respostas coerentes e regidas por certa ordem. Respostas essas que possam autorizar uma posterior generalização de eventos específicos como sendo representativos de uma população mais ampla; levando em consideração a possibilidade de predição do fenômeno estudado. Com base nesse paradigma o pesquisador faz uso do raciocínio indutivo e, frequentemente, de uma abordagem de tratamento quantitativa dos dados

(Saunders, Lewis&Thornhill, 1997). A ênfase é dada na concepção de que o conhecimento deve ser compreendido e classificado com a maior imparcialidade possível por parte do pesquisador (May, 2001), embora há que se considerar que toda interpretação dos fatos passa por uma filtragem cultural inevitavelmente e que ninguém parte de um estado “zerado” de um fenômeno – o que incorre dizer que a adoção do pensamento dedutivo é inevitável em qualquer campo epistemológico. No entanto, é exatamente aquela influência cultural que também impõe uma dinâmica muitas vezes normatizadora do ambiente social e do comportamento humano. Com base nesse paradigma os dois métodos mais comumente usados são o experimental e as *surveys* estruturadas sem muita amplitude para expressar diferenças de perspectivas dos participantes.

O paradigmainterpretativo, por outro lado, oferece uma visão da realidade a partir de outra perspectiva.A realidade segundo este paradigma não é estática, mas um processo dinâmico influenciado pelas interações humanas com seu ambiente social, o que resulta na construção de um conhecimento que tem como origem o senso comum (Denzin& Lincoln, 2000). May (2001) afirma que a vida social e os eventos contidos na mesma não são explicados pela ciência, no sentido em que se atribuiu ao conceito de ciência inicialmente por Giddens in Hughes (1990),mas pelo senso comum, o qual está relacionado com o entendimento que as pessoas têm de suas vidas. A realidade é descrita simbolicamente e o conhecimento deriva de interpretações e entendimentos dos significados, muito mais do que dos sentidos. Portanto, a ciência nesta visão é concebida como sendo influenciada pelos valores pessoais.

Como o nome já indica, o paradigmainterpretativo se preocupa com os caminhos, os por quês e o como são influenciados os fenômenos. Crotty (1998) ressalta

que este domínio epistemológico está relacionado com o pensamento de Max Weber que concebe as ciências humanas em compreender (zuverstehen) e não explicar (zuerklaeren) a realidade. Percebe-se aqui que tal paradigma não exclui a possibilidade do uso de abordagens puramente quantitativas ou quali-quantitativas, principalmente se o evento ou a abordagem utilizada para sua investigação não tenham sido abordados anteriormente, o que tornaria muito difícil o uso puro e exclusivamente do pensamento dedutivo. Sarantakos (1998) afirma que a pesquisa baseada no paradigma interpretativo ajuda a interpretar e a entender as razões das pessoas no seu agir social, o significado que elas atribuem as suas vidas e ao contexto social em que vivem. Crotty (1998) enfatiza que através da história o paradigma interpretativo esteve presente em diferentes versões, quais sejam o interacionismo simbólico, a fenomenologia e a hermenêutica. Por exemplo, no interacionismo simbólico a metodologia mais comumente usada é a Etnografia (Denzin & Lincoln, 2000), a qual segundo Crotty (1998 p. 7)

...procura descobrir os significados e percepções por parte dos participantes da pesquisa, colocando esses entendimentos em confronto com a visão de mundo das pessoas. Nesse sentido, o pesquisador se esforça para ver a realidade a partir do ponto de vista dos participantes da pesquisa.

Os métodos mais frequentemente utilizados pela Etnografia são a observação participante e as entrevistas em profundidade (Padgett, 1998). Ao invés de se utilizar apenas do raciocínio dedutivo, o qual parte de explicações teóricas de eventos para testar hipóteses específicas sobre estes; o paradigma interpretativo faz uso também do raciocínio indutivo, o qual se baseia em eventos específicos para construir uma teoria geral sobre um fenômeno (Thomas & Nelson, 1996). Nesse sentido, a abordagem qualitativa de tratamento dos dados é mais apropriada para Etnografia, pois o que se deseja aqui é capturar a realidade em interação (Sarantakos, 1998). Ademais, a quantidade de variáveis a serem consideradas em fenômenos sociais e humanos desafia

a capacidade de um tratamento estatístico de exaurir as diversas combinações e variações que aqueles fenômenos possam apresentar. Isso não significa dizer que o uso da quantificação estatística não seja permitido dentro dessa perspectiva. Na verdade, o que “roupeia” seu uso é a sua finalidade.

De um lado, a abordagem quantitativa pode oferecer ao pesquisador uma grande quantidade de dados, os quais podem dar suporte a generalizações e direcionar a pesquisa a respostas mais diretas para perguntas bastante específicas. Desta forma, pode-se obter um panorama geral da realidade, mas com pouca possibilidade de um entendimento aprofundado. Do outro lado, a abordagem qualitativa de tratamento dos dados pode oferecer respostas mais compreensivas e profundas sobre um fenômeno, mas perde força de generalização a uma população mais ampla. Destarte, perde-se aqui o panorama geral da realidade e limita-se a capacidade de se ver além daquele mundo específico.

Numa tentativa de conciliar as dificuldades de uma abordagem quantitativa de ser mais aprofundada no tratamento dos dados e de se fazer uso de uma quantidade grande de variáveis (e de maneira sistematizada), o que é uma característica dos estudos que envolvem os fenômenos das ciências humanas e sociais, porém tentando também reconhecer a força de amplitude compreensiva de um fenômeno de uma abordagem qualitativa, aplicou-se a abordagem metodológica do *criticalthinking*.

Segundo Fisher (2003), *criticalthinking* tem suas origens há mais de 2000 anos, sendo seu fundador Sócrates, mas com o filósofo John Dewey sendo considerado o pai da abordagem *criticalthinking* moderna.

...Por definir o *criticalthinking* como um processo ativo, Dewey contrasta tal abordagem com o tipo de pensamento no qual você recebe ideias e informações de outra pessoa – o que pode ser denominado, com certa razoabilidade, um processo passivo. Para Dewey, e para qualquer um que tenha trabalhado nesta tradição subsequentemente, *criticalthinking* é essencialmente um processo ativo

–no qual você pensa por você mesmo, levantaseus próprios questionamentos, encontra informação relevante, etc., ao invés de apenas aprender de outra pessoa através de um processo passivo (Fisher, 2003 p.2)

A metodologia *criticalthinking* tem sido aplicada usando-se um processo iterativo, o qual envolve análise de dados através de pensamento reflexivo, criativo e crítico, considerando todos, ou pelo menos tentando, os elementos que sejam pertinentes ao fenômeno, para que a geração de inferências e tomadas de conclusões possa ser realizada de forma consistente (Horne&Wootton, 2005). Em toda revisão de literatura e discussão de resultados aqui apresentadas uma análise constante da produção científica relacionada ao campo da Teoria do Apego foi realizada, onde o autor tentou ressaltar, através do pensamento crítico e da construção de argumentos filosóficos envolvendo interpretação, análise, avaliação inferências, explicações e autorregulação, um meio de escrutínio da teoria e sua relação com os achados da presente pesquisa (Facione, 2011; Brink-Budgen, 2003; Thomson, 2003).

No que se referem os processos cognitivos mencionados, segundo Facione (2011), temos como suas definições:

- Interpretação: é compreender e expressar o significado e a significância de um vasto leque de experiências, situações, dados, eventos, julgamentos, convenções, crenças, regras, procedimentos e critérios;
- Análise: a identificação das relações inferenciais entre argumentos, questões, conceitos, descrições ou outras formas de representação que tenham o intuito de expressar crenças, julgamentos, experiências, razões, informações e opiniões;
- Avaliação: a mensuração da credibilidade dos argumentos ou outras representações, as quais são descrições ou narrações das percepções, experiências, situações, julgamentos, crenças e opiniões de uma pessoa;

- Inferência: a identificação e seleção de elementos necessários para se chegar a conclusões, hipóteses, e consequentes argumentos a partir de dados concretos;
- Explicação: a apresentação de forma consistente e coerente os resultados do raciocínio de uma pessoa. Em outras palavras, ver o fenômeno como um todo, a partir uma perspectiva ampla;
- Autorregulação: monitorar conscientemente atividades cognitivas, os elementos usados em tais atividades e seus resultados a partir da utilização da análise e avaliações das próprias inferências de julgamentos, com um direcionamento para o questionamento, a confirmação, validação e a correção das inferências resultantes do próprio raciocínio crítico

Lai (2011) afirma que *ocriticalthinking* é caracterizado pela habilidade de analisar argumentos, de se fazer inferências a partir do pensamento indutivo e dedutivo, fazendo uso de julgamentos ou avaliações; e tomada de decisões ou resoluções de problemas. A mesma autora enfatiza o fato de *ocriticalthinking* ter como raízes a filosofia e a psicologia. No domínio da psicologia as definições sobre *criticalthinking* enfatizam os processos mentais, estratégias e representações que as pessoas usam para resolver problemas, tomar decisões e aprender novos conceitos, assim como o uso de habilidades cognitivas ou estratégias que aumentem a probabilidade de um resultado desejado. *Ocriticalthinking* permite ver “os dois lados da moeda”, e leva o pesquisador a estar aberto a “desconfirmações” de suas ideias, como também demanda que qualquer argumento seja baseado em evidências, deduções e inferências a partir de fatos disponíveis. Finalmente, a maioria dos pesquisadores que fazem uso do *criticalthinking*

concorda sobre a importância da produção do conhecimento sistematizado já existente como base para sua aplicação (Lai, 2011). Destarte, tal abordagem se enquadra perfeitamente na proposta metodológica aqui proposta.

Uma vez que não existe nenhum paradigma nem abordagem que possam tomar para si o status de perfeição, de serem capazes de exaurir a verdade, de ser completamente precisos e sem limitações. Considerando também o problema, os objetivos e hipóteses que delineiam a natureza da iniciativa de pesquisa aqui proposta. Por último, dado o fato de que o próprio conceito de estilos de apego central a esta investigação possui um caráter classificatório, embora de expressão mais contínua do que categorial. O design epistemológico desta iniciativa de pesquisa inevitavelmente toma como base o paradigma interpretativo. O tipo de pesquisa adotado foi a pesquisa de campo, com a técnica de coleta de dados sendo quantitativo/qualitativa, já que os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o questionário ECR e o teste projetivo SAT-B. Sendo o primeiro quantitativo como produto final, mas qualitativo em essência; e o segundo qualitativo como produto final, mas quantitativo em essência. No entanto, para efeitos de análise o presente estudo se utiliza da abordagem quantitativa e se apoia na qualitativa somente no que tange o escrutínio da aplicabilidade do teste SAT-B para a presente iniciativa no contexto brasileiro.

É para um maior aprofundamento do método adotado nesta iniciativa que os argumentos deste trabalho científico se direcionam agora.

## **Capítulo III**

### **MÉTODO**

## **Amostra**

A amostra tem sido formada por 135 participantes: 57 crianças entre 7 e 9 anos com média de idade 7,7 anos DP (.78), 45 mães e 33 pais brasileiros ( $N= 135$ ), habitantes recifenses, de classe social C e D e de origem étnica mista não branca e configurações familiares das mais diversas. Para efeitos de coleta e análise consideraram-se também como pais aquelas pessoas que atuavam como cuidadores principais das crianças, ou seja, nas famílias onde a estrutura familiar era avô, mãe e filho(a) ou avó, pai e filho(a), aqueles primeiros exerciam o papel do genitor ausente, assim como os padrastos e as madrastas. Em termos de números de Tríades envolvidas na pesquisa, 24 Tríades foram provenientes do MNSC, 2 Tríades da 3AC, 1 Tríade da CLC, 4 Tríades de pessoas conhecidas de pessoas próximas ao pesquisador.

Nessas instituições, antes do início da coleta de dados, foi realizado um levantamento das realidades das crianças e seus genitores para se entender como se configurava as famílias convidadas para participarem da pesquisa. Constatou-se que em todas as três instituições participantes, famílias nucleares tradicionais eram uma exceção. A maior parte das famílias têm composições variadas como: pais divorciados já em outros relacionamentos; mães solteiras ou divorciadas com guarda dos filhos e apoio dos avós; mães divorciadas com irmãos na função de pais; avós exercendo a função de pais de filhos deixados por mães ou pais; crianças em famílias de risco; e padrastos e madrastas nas funções dos genitores originais. Infelizmente, não foi possível especificar exatamente o percentual de cada configuração familiar, pois esses dados não eram claros nem mesmo para as próprias instituições participantes. As informações obtidas das instituições se baseavam no fato de que os próprios pais não se sentiam à

vontade para fornecer informações precisas sobre a configuração de suas famílias e até mesmo sobre o estado civil deles.

Por outro lado, as três instituições apresentavam programas não somente de educação formal, mas de ressocialização e humanização das relações afetivas entre pares e famílias e alunos e professores. Formação cristã pautada no amor ao próximo, no fazer o bem, no valor de cada um, no amor de Deus por cada um e no valor da amizade. Todas três ofereciam atividades extraclases, duas delas (as em regiões mais vulneráveis, 3AC e CLC) ofereciam pelo menos duas refeições diárias.

Os critérios utilizados para a escolha dessa amostra se pautaram no fato de que a maior parte das pesquisas desenvolvidas nesta área até o momento envolveu pessoas de classe média média/alta de países europeus e dos Estados Unidos e de etnia branca, salvo raras exceções. No Brasil, de modo especial no Nordeste, a etnia branca constitui a minoria dos habitantes e está presente ainda menos nas classes sociais mais baixas. As idades dos filhos (as) compreendidas entre 7 e 9 anos é devido ao fato de que crianças nessa faixa-etária já possuem um bom domínio da linguagem e de habilidades cognitivas mais bem estruturadas.

## **Procedimentos**

Como já mencionado, os participantes da pesquisa foram escolhidos dentro dos critérios idade das crianças, etnia e classe social por se tratar de uma população ainda não estudada no Brasil no que concerne à teoria do apego e também pouco estudada fora do país. Por conveniência escolheu-se como unidades de convite três instituições socioeducacionais aqui denominadas como o MNSC, a 3AC e a CLC, e quatro casais conhecidos do pesquisador que se enquadravam dentro dos critérios anteriormente

mencionados. A escolha das instituições foi feita também a partir do critério de conhecimento dessas instituições por parte do autor da presente pesquisa, pois o mesmo já havia trabalhado como professor em duas delas (o MNSC e a 3AC) e por conhecer de perto a diretora da CLC. Portanto, os profissionais das instituições e as crianças envolvidas no processo já haviam, de alguma forma, entrado em contato com o pesquisador, o que facilitou o estabelecimento de confiança entre pesquisador e participantes. Os pais/cuidadores envolvidos na pesquisa foram convidados por consequência da participação de seus filhos na pesquisa. Antes da coleta de dados iniciar as devidas cartas de anuência foram enviadas aos diretores das instituições, os quais autorizaram o desenvolvimento da pesquisa. Os TCLEs para pais e filhos também foram enviados para que houvesse anuência dos pais da participação de seus filhos e deles mesmos no processo de coleta de dados. A pesquisa também foi autorizada pelo comitê de ética da UFPE.

Antes de a coleta ser iniciada, um piloto foi realizado para identificar qualquer ajuste necessário aos instrumentos, o que não se mostrou necessário, também porque o pesquisador esteve sempre à disposição para maiores esclarecimentos antes de cada encontro. A coleta teve seu início em Abril de 2012 e sua suspensão em Dezembro do mesmo ano. Houve uma dificuldade muito grande de se conseguir um número equivalente de filhos, pais e mães, o que restringiu a possibilidade de uma análise mais ampla dos dados. De modo particular, os homens apresentaram uma resistência maior em participar da pesquisa, o que se corrobora pela disparidade no quantitativo total de pais/cuidadores e mães/cuidadoras envolvidos na pesquisa. Em termos de sequência na coleta de dados, as crianças participaram primeiramente do processo de coleta em vários dias diferentes e frequência média de visitas de duas vezes na semana, numa média de 5 crianças por dia, em local disponibilizado pelas instituições exclusivamente para os

encontros do pesquisador com os participantes. Depois de encerrada a coleta com as crianças os pais/cuidadores foram convidados posteriormente em vários dias, em data, local e hora indicado no convite enviado pelo próprio MNSC, pela CLC, a 3AC e pelo pesquisador quando as tríades eram seus conhecidos. Para aqueles pais-mães/cuidadores(as) que não compareceram no local e horário indicado no convite, o questionário foi enviado para suas casas com as devidas instruções de preenchimento do mesmo e em envelope lacrado. A determinação de quais crianças participariam do processo foi feita em colaboração com a coordenação do ensino fundamental do MNSC, a qual identificou por idade quem seriam e em que série estavam matriculados os participantes da pesquisa. Na CLC, a própria diretora da Instituição se encarregou de convidar os participantes. Na 3AC o processo foi mais simples, pois apenas um casal com dois filhos participaram da pesquisa e o processo de coleta de dados se deu num único dia; sempre respeitando a ordem filhos, depois os pais/cuidadores. Em todas as instituições e locais de coleta de dados onde os pais/cuidadores se apresentaram juntos para responder o questionário ECR, os mesmos foram colocados em locais separados para que não influenciassem de alguma forma as respostas um do outro; tal procedimento foi utilizado para aumentar as chances de se obter respostas mais fidedignas dos participantes.

## **Instrumentos**

### **Avaliação dos Estilos de Apego dos Pais**

Para a avaliação dos estilos de apego dos pais/cuidadores foi utilizado o questionário *Experiences in Close Relationship* (ECR). O ECR contém 36 itens e tem como objetivo avaliar a partir da resposta dos participantes diferenças individuais concernentes ao nível de ansiedade gerado através da frequência de disponibilidade de cada indivíduo participante da relação, assim como o nível de resistência/hesitação à intimidade em confronto com a aceitação de poder depender do outro. A partir desses elementos foi possível classificar os participantes segundo a predominância de um ou outro estilo de apego. O ECR (apresentado em anexo), foi desenvolvido por Brennan, Clark e Shaver (1998) e validado no Brasil por Roazzi (em preparação).

Primeiramente o pesquisador apresentou o questionário ao participante com as devidas instruções referentes a como responder ao ECR e as considerações que o participante deveria levar em conta antes de escolher uma resposta específica, assim como as garantias sobre anonimato do participante e sobre a utilização dos dados apenas para fins de pesquisa. Para cada item do questionário há uma escala Likert contendo sete opções diferentes de resposta, as quais vão do número um (completamente falso) ao número sete (completamente verdadeiro). Todos os itens do questionário são relacionados com a maneira como o respondente vive e se sente em relações sentimentais, mas também particularmente, na relação sentimental atual na qual os respondentes se encontram. Exemplos de itens são: “tenho medo de ser deixado (a)”; “meu parceiro não me dá a devida atenção”; “ao meu parceiro digo quase tudo”, etc. De posse dos questionários respondidos o pesquisador alocou a devida pontuação para cada pergunta, seguiu os procedimentos necessários de preparação dos dados e determinou a média dos pontos somados aos seus desvios padrões, o que determinou o ponto de corte para verificação da classificação do estilo de apego de cada participante. A soma dos

pontos dos itens pares do ECR está relacionada à escala de ansiedade e a soma dos itens ímpares relacionado à escala de evitamento. Tendo como referência os valores Média+DP (Roazzi, em preparação), quanto maior a soma dos pontos para os itens pares, maior a dependência afetiva do respondente, conseqüentemente, maior o nível de ansiedade diante de ameaças à estabilidade do relacionamento; em outras palavras, maior a proximidade com o estilo de apego ansioso-ambivalente. Quanto maior a soma dos pontos para os itens ímpares, maior o nível de evitamento afetivo, ou seja, mais próximo do estilo de apego ansioso-evitante estará o respondente. Em outras palavras, a partir do ponto de corte, se as médias + DP (para itens pares e itens ímpares) de um participante foram superiores aos dois valores de ponto de corte, o mesmo foi classificado como apresentando estilo de apego desorganizado. Se apenas o valor referente aos itens ímpares foi superior ao ponto de corte, o participante foi classificado como evitante. Se apenas o valor dos itens pares foi superior ao ponto de corte, o participante foi classificado como ambivalente. Se nenhum dos valores dos itens ímpares e pares foi superior aos pontos de cortes, então o participante foi classificado como estilo de apego seguro.

### **Avaliação dos Estilos de Apego dos filhos (as)**

Para a avaliação dos estilos de apego das crianças envolvidas na pesquisa aplicou-se uma versão adaptada (por Attili, 2001) do *Separation Anxiety Test* (SAT) de Klagsbrun e Bowlby (1976), a qual, por sua vez, foi adaptada para realidade Brasileira. O procedimento de adaptação do SAT (para criar o SAT-B – versão brasileira) respeitou os critérios adotados internacionalmente para traduções de instrumentos de pesquisa. Tais critérios consistem em verificar, através da tradução e

tradução reversa (*backtranslation*), da verificação da equivalência conceitual e de conteúdo dos itens de um dado instrumento. A equivalência conceitual se refere a significados comuns de termos ou palavras de culturas diferentes; a equivalência de conteúdo se estabelece a partir da relevância de cada item para as culturas do instrumento original e daquela onde será feita a tradução, considerando também o significado comum àquelas culturas; e a equivalência lingüística se verifica através da *backtranslation* (tradução reversa) (Alonso-Arbiol, Balluerka & Shaver, 2007; Mallinckrodt & Wang, 2004) – os procedimentos anteriormente citados foram realizados pelo autor do presente trabalho, o qual é brasileiro nativo e é fluente na língua italiana (morou na Itália por um ano e trabalhou para o clube de futebol italiano Inter de Milão por três anos). O orientador da pesquisa realizada é nativo da Itália e mora no Brasil há mais de 25 anos.

O SAT-B consiste num teste projetivo a partir de uma atividade que contém quadrinhos com desenhos (ver adiante os desenhos (a)) representando uma criança em vários ambientes na presença de seus pais que estão, ora juntos, ora apenas a mãe. A administração do teste foi feita conjuntamente com o pesquisador que, após alguns minutos de interação aleatória com a intenção de deixar a criança mais confortável, pediu para a criança olhar para os desenhos um a um, seguindo uma sequência específica e alternando situações classificadas por Attili (2001) como moderadas e severas. Quando o participante era do sexo feminino, nas figuras com situações hipotéticas havia uma menina; quando era do sexo masculino, havia um menino nas situações hipotéticas. Logo em seguida, o pesquisador após anotar o sexo, a idade e data da coleta, fez perguntas (ver (b)) sobre cada quadrinho e anotou as respostas das crianças participantes (ver modelo de formulário abaixo (c)). Quando a criança não soube responder a alguma pergunta, o pesquisador utilizou-se de uma

quantidade pré-selecionada de perguntas indicando possíveis respostas (ver anexos) para que a criança escolhesse aquela que mais se adequasse a sua opinião. A cada resposta, por sua vez, foi dada uma pontuação negativa ou positiva especificada na versão de Attili (2001), a qual faz referência a possíveis emoções específicas emitidas pelas crianças e que se enquadram em 17 categorias (ver com mais detalhes abaixo e a original nos anexos) que contém diversos aspectos pertinentes aos diferentes estilos de apego, perfazendo um escore total.

<b>Categorias de Respostas</b>	<b>Classes</b>
--------------------------------	----------------

1.Solidão 2.Tristeza	}	Apego	S = +2 M = +1
3.Rejeição 4.Reprovação de si mesmo	}	Falta de Autoestima	-2
5.Raiva 6.Transferência de Culpa	}	Hostilidade	-1
7.Bem-estar	}	Confiança em si mesmo	S = -2 M = +2 S <sup>1</sup> = -1
8.Incredulidade 9.Evitamento 10.Evasão	}	Evitamento	-2
11.Medo Generalizado 12.Reação Somática 13.Fome	}	Ansiedade	+2
			Se mais de 2 respostas assim, atribuir -1. Da quinta em diante -2.
14.Medo de Catástrofe/Medo Irracional 15.Preocupação Inversa 16.Respostas Bizarras	}	Ansiedade Incontrolável Angústia	-2
17.Respostas Confusas	}	Confusão	-2

Esse escore corresponde a um tipo de comportamento de apego específico. Por exemplo, para que se considere um comportamento como apego seguro, a pontuação final deverá ser igual a +4 ou superior; para o apego inseguro-ambivalente, a pontuação final deverá ficar entre +3 e +1; para o apego inseguro-evitante, a pontuação deverá

ficar entre 0 e -2; e para o apego desorganizado, a pontuação deverá ficar em -3 e abaixo. Então, por exemplo, se a resposta da criança para uma determinada situação hipotética apresentou um resposta como sentimento de tristeza moderada pela ausência temporária dos pais, a pontuação a ser dada para tal resposta seria +2. Mas somente a soma total das pontuações das respostas de todas as figuras do SAT é que determinou a classificação num ou noutra estilo de apego. Durante o processo de coleta de dados, não foi permitida a participação ou presença dos pais próxima aos (as) filhos (as) no momento da aplicação do teste com o objetivo de evitar qualquer tipo de pressão psicológica por parte dos pais e preservar a liberdade de resposta dos seus filhos (as).

**a) Quadrinhos com os desenhos de situações de contato e separação dos pais e que serão apresentados às crianças participantes da pesquisa.**

**G1. Neste desenho o pai e a mãe estão saindo pra se divertir e deixam a filha em casa. A figura mostra o momento em que os pais se despedem dela.**



**G2. Este é o primeiro dia de escola. Na figura estão a professora e os colegas de classe. Faz pouco tempo que a mãe da menina a deixou na escola.**



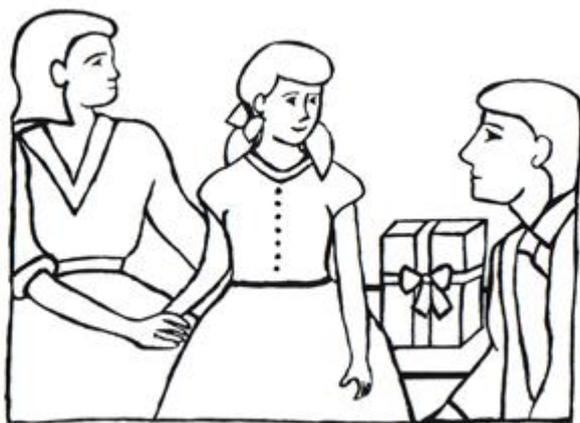
**G3. O pai e a mãe vão viajar no final de semana. Na figura a mãe deixa a filha com a tia e se despede dela.**



**G4. A menina foi ao parque com os pais. Na figura os pais pedem à filha para ir jogar um pouco sozinha porque eles querem estar a sós para conversar um pouco.**



**G5. Os pais estão prestes a viajar por duas semanas e deixam a filha em casa. Antes de saírem deixam um presente legal para ela. Na figura os pais se despedem da menina.**



**G6. A mãe leva a filha para a cama, dá boa noite e sai do quarto.**



**b) Perguntas referentes aos quadrinhos de desenhos.**

- Pergunta I: “na tua opinião o que sente a menina?”
- Pergunta II: “por que você acha que ela se sente assim?”
- Pergunta III: “o que você acha que a menina está fazendo agora?”
- Perguntas IV:
  - “na tua opinião o que fará a criança quando revir os pais?”
  - “na tua opinião o que fará a criança ao se reaproximar dos pais?”
  - “na tua opinião o que fará a criança se a mãe decidisse ficar no quarto?”

**Análise dos dados**

Devido a natureza dos dados e sua distribuição utilizou-se análises estatísticas descritivas do tipo *Cluster Two-Way Joining*, o Teste Canônico das Diferenças entre Proporções, Análise Correlacional do tipo Tetracórica e o Teste do Qui-Quadrado, com o intuito de se verificar o efeito combinado dos estilos combinados dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos. Adotou-se também um

procedimento de análise estatística descritiva comparada a partir de frequências e proporções, combinada a uma análise qualitativa das respostas das crianças obtidas através do SAT-B, a partir do uso dos preceitos do *criticalthinking* (Horne & Wootton, 2005). Esta última direcionada a uma comparação à versão italiana de Attili (2001) e a outras descrições da literatura científica sobre expressões emocionais e comportamentais decorrentes dos diversos estilos de apego, como intuito de verificar a aplicabilidade do teste SAT-B, ainda com pouca aplicação no Brasil.

## CAPÍTULO IV

### Resultados

Faz-se importante salientar a dificuldade de se acessar a população envolvida no estudo. Muitas dificuldades surgiram no decorrer do processo de coleta de dados, desde a escolha dos locais onde se desenvolveria a mesma até o processo concreto de coleta. A maior dificuldade encontrada, na verdade, foi a de convencer os pais (homens) a participar da pesquisa. Dos 57 questionários que foram direcionados aos mesmos, através de convites para o comparecimento na instituição de seus filhos e também do envio dos questionários para suas casas, apenas 33 retornaram completos. Das 57 mães convidadas, 45 participaram efetivamente da pesquisa. Os questionários ECRs foram enviados aos pais, pois tal instrumento de coleta é autoexplicativo, não havendo necessidade de um tratamento posterior diferenciado dos questionários que foram respondidos por outros pais nos locais especificados nos primeiros convites.

Como anteriormente já mencionado, devido aos critérios utilizados para a escolha dos participantes (pessoas de baixa renda e etnia não branca), da grande dificuldade de acesso à população aqui estudada, por se tratar de pais/cuidadores de nível de escolaridade baixa e configurações familiares das mais diversas, o número final de participantes da pesquisa foi de 135 pessoas. Contudo apenas 31 Tríades completas (93 pessoas) puderam ser incluídas na análise no que tange à influência dos estilos de apego dos pais em relação aos seus filhos(as).

Do número total de pessoas envolvidas na pesquisa, 76 pessoas apresentaram estilos de apego seguros, 21 apresentaram estilos de apego inseguro-evitantes, 30 estilos de apego inseguro-ambivalentes e apenas 8 pessoas apresentaram estilos de apego desorganizados (ver tabela 1 abaixo). Se dividirmos a amostra em seguros e inseguros,

encontra-se um percentual de 56,4% de pessoas com estilos de apego seguros e 43,6% do total das pessoas com estilos de apego inseguros.

**Tabela 1.** Número total por tipo de estilos de apego, somando-se o número referente aos pais, às e aos filhos participantes.

<b>Estilos de Apego</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
A – Evitante	21	15,5
B – Seguro	76	56,4
C- Ambivalente	30	22,2
D- Desorganizado	8	5,9
Total	135	100

Em relação à composição da amostra das crianças envolvidas na pesquisa, das 57 crianças 49,1% (28 meninos) eram do sexo masculino e 50,9% (29 meninas) do sexo feminino, caracterizando uma amostra bastante homogênea e equilibrada em termos de distribuição dessas populações.

Tomando como referência os estilos de apego das crianças, avaliados a partir do SAT-B, obteve-se a seguinte distribuição dos mesmos (Tabela 2).

**Tabela 2.** Classificação dos estilos de apego das crianças participantes

<b>Estilos de Apego</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
A – Evitante	8	14,0
B – Seguro	32	56.1
C- Ambivalente	13	22.8
D- Desorganizado	4	7
Total	57	100

Como se pode observar, 14% (8 crianças) apresentaram estilo de apego inseguro-evitante, 22,8% (13 crianças) apresentaram estilo de apego inseguro-ambivalente e 7% (4 crianças) apresentaram estilo de apego inseguro-desorganizado, perfazendo um total de 43,8% de participantes (25 crianças) com estilos de apego inseguros. 56,1% do número total das crianças avaliadas através do SAT-B apresentaram estilo de apego seguro. Considerando as crianças que foram analisadas em Díades e Tríades (47 ao todo), 16 delas apresentaram estilos de apego inseguros em comparação àquelas 31 crianças que apresentaram estilos de apego seguros. Infelizmente não foi possível avaliar se um dos pais (devido a sua não participação na pesquisa) das 18 crianças (21,3% das 34 crianças que apresentaram estilos de apego inseguros) apresentavam também estilos de apego inseguros ou se eram apenas as crianças que apresentavam tais estilos.

Analisando separadamente a distribuição de estilos de apego por sexo das crianças temos os seguintes resultados.

**Tabela 3.** Distribuição dos estilos de apego segundo o critério “sexo das crianças”

<b>Estilos de Apego conforme o sexo das Crianças</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
MA	7	14
MB	12	19,3
MC	6	10,5
MD	3	5,3
FA	1	1,8
FB	20	35,1
FC	7	12,3
FD	1	1,8
<b>Total</b>	<b>57</b>	<b>100</b>

Onde M = Masculino e F = Feminino; A = Evitante, B = Seguro, C = Ambivalente e D = Desorganizado.

Como é possível observar, há um número muito maior de meninos com estilo de apego inseguro-evitante(8)em comparação às meninas (1). Do outro lado, no grupo das meninas o percentual de incidência de estilo inseguro-ambivalente (7) é praticamente igual ao do grupo dos meninos (6). No grupo das meninas há uma predominância do estilo de apego inseguro-ambivalente (7) em comparação ao estilo de apego inseguro-evitante (1). No entanto, Quando se faz a comparação entre grupos masculino e feminino, o grupo dos meninos apresenta um percentual maior de ocorrência em todas as variações dos estilos de apegos inseguros em relação ao grupo das meninas. Assim como, se forem comparados estes dois grupos em termos de ocorrência de estilo de apego seguro, o grupo das meninas apresenta um percentual maior nesse caso. Esses dados são interessantes, pois, como mostra a tabela 4 abaixo, além de apontarem uma incidência maior de estilos de apego inseguros no grupo dos meninos e uma incidência menor de estilo de apego seguro neste mesmo grupo, denotam em termos práticos uma maior vulnerabilidade afetivo-emocional dos meninos em relação às meninas participantes.

**Tabela 4.** Distribuição dos estilos de apego por sexo das crianças segundo a classificação seguro e inseguro.

<b>Estilos de Apego Seguro e Inseguro</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
<b>Masculino</b>		
Seguro	12	42,9
Inseguro	16	57,1
<b>Feminino</b>		
Seguro	20	69
Inseguro	9	31
<b>Total</b>	<b>57</b>	<b>100</b>

Já na classificação dos estilos de apego das mães e pais, estabelecidos a partir do questionário ECR, obtiveram-se as seguintes frequências (Tabela 5 e 6).

**Tabela 5.** Classificação dos estilos de apego das mães.

<b>Estilos de Apego</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
A – Evitante	5	11,1
B – Seguro	24	53,3
C- Ambivalente	12	26,7
D- Desorganizado	4	8,9
Total	45	100

**Tabela 6.** Classificação dos estilos de apego dos pais.

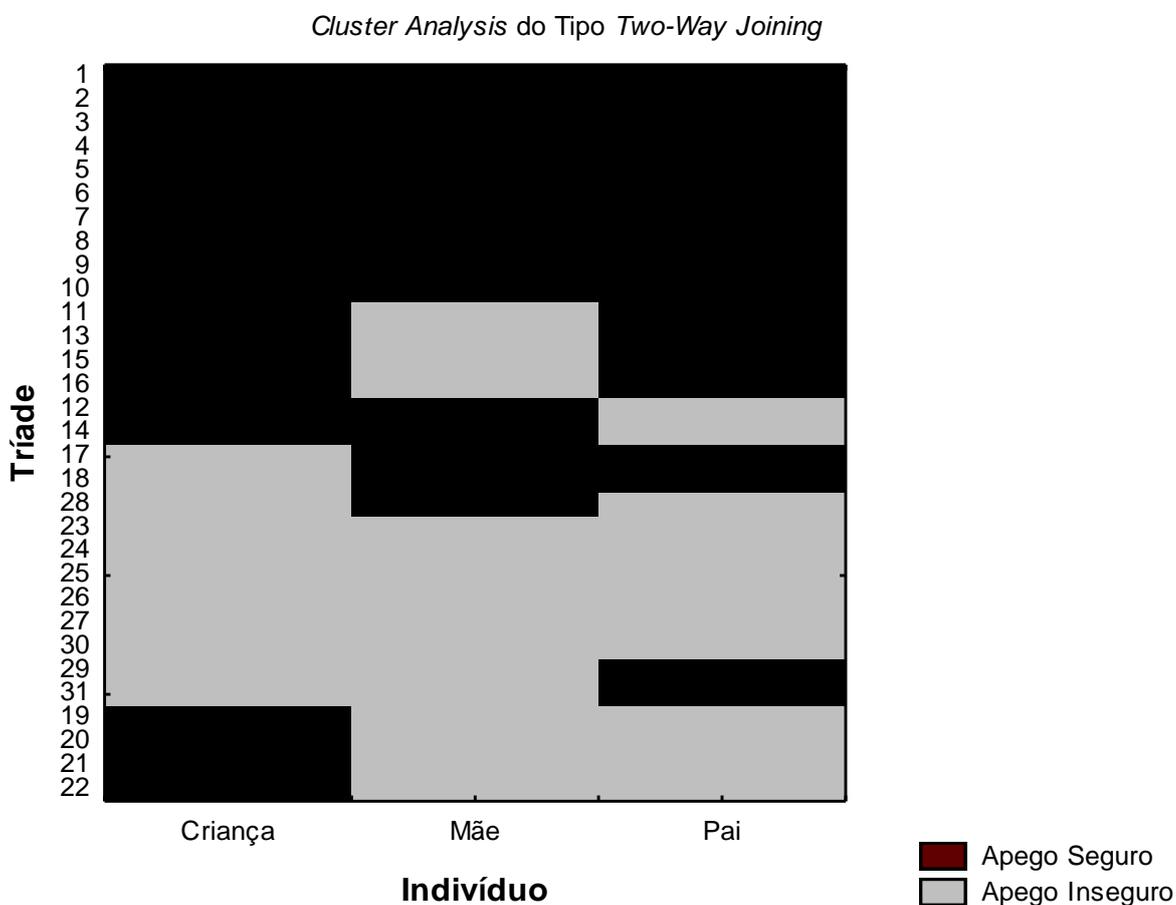
<b>Estilos de Apego</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
A – Evitante	8	24,2
B – Seguro	20	60,6
C- Ambivalente	5	15,2
D- Desorganizado		
Total	33	100

A partir das frequências e percentuais acima, é possível verificar que homens apresentaram uma maior incidência de estilos de apego inseguro-evitante (24,2% do total de homens), enquanto que as mulheres apresentaram uma maior incidência de estilos de apego inseguro-ambivalentes (26,7% do total de mulheres). Contudo em

ambas as amostras, o número de estilos de apego seguro foi maior para pais (60,6% do total) e mães (53,3% do total) em comparação àquele de estilos de apego inseguros. Esses resultados estão em consonância com o percentual de crianças (59,4%) que apresentaram estilos de apego seguro. Importante salientar que apenas o grupo das mães apresentou estilos de apego inseguro-desorganizados (8,9% do total das mulheres) e que tanto nas Tríades quanto nas Díades, apenas uma mãe e um filho apresentaram estilos de apego inseguro-desorganizados. As outras três crianças com estilo de apego desorganizado são provenientes de uma Tríade onde os pais apresentam estilos de apego inseguro-evitantes e em duas Díades onde os pais/cuidadores (homens) não responderam ao questionário ECR e, portanto, não foi possível estabelecer se os mesmos apresentavam estilos de apego desorganizados.

De um modo geral, foi possível sistematizar os achados com a ajuda de análise estatística descritivas, considerando-se as frequências de estilos de apego dos pais e dos filhos. O Diagrama 1 abaixo acomodou os tipos de estilos de apego referentes a cada participante (filho(a), mãe e pai) que compunha uma unidade familiar a partir de uma análise de agrupamento do tipo *Two-Way Joining*. Os espaços em preto contínuos correspondem a tríades com estilos de apego seguros. Já os espaços contínuos em cinza correspondem a tríades com estilos de apego inseguros. As outras combinações são tríades com estilos de apego variados.

**Diagrama 1.** Cluster analysis do tipo *Two-Way Joining* para os tipos de apego de pai, mãe e criança.



Pelo Diagrama 1 acima é possível verificar que das 31 Triádes completas (a sequência numérica das triádes não corresponde ao número total) envolvidas na pesquisa, 10 delas apresentaram estilo de apego seguro para mãe, pai e filho (a). Em outras 6 Triádes, o que ocorreu foi um dos pais apresentando estilo de apego seguro assim como o (a) filho (a), sendo que dessas 6 Triádes, 4 delas apresentaram o pai com estilo de apego seguro juntamente com o filho (a). Somando-se a esses achados o número de Díades (6 ao todo) ambos com estilos de apego seguros, tem-se um número total de 22 filhos (48% do total de crianças envolvidas na pesquisa) que aparentemente seguiram o padrão, senão de ambos os pais, pelo menos de um deles. Tal achado segue

a tendência do que Obegi, Morrison e Shaver (2004) afirmam sobre o mecanismo responsável pela transmissão intergeracional de estilos de apego de pais para filhos (as) como sendo, ao menos em parte, a qualidade dos cuidados dados pelos genitores, os quais são moldados pelos próprios estilos de apego destes e de Ein-Dor, Mikulincer, Doron e Shaver (2010, apud Main, Kaplan & Cassidy, 1985) apontam que a qualidade das interações entre pais e filhos medeia a transmissão intergeracional do apego. Como também parecem corroborar os achados de Attili, Vermigli e Roazzi (2012) que indicam que casais, nos quais ambos os pais possuem estilos de apego seguros, estes apresentam comportamentos positivos com menos críticas e interferências e tendem a oferecer um ambiente familiar de segurança, com mais encorajamentos, ajuda aos seus filhos, conforto físico e mental e proteção de uma forma geral.

Como consequência, filhos de genitores com modelos mentais seguros são bem aceitos entre seus pares. Eem parte corrobora também afirmação dos autores de que naqueles casais cujos pais apresentam um modelo mental seguro e a mãe um modelo inseguro, a tendência é que o modelo mental seguro do pai além de promover a competência global dos dois genitores, serve também como proteção aos filhos, pois a influência do mesmo ajuda a mãe com estilo de apego inseguro a se comportar de forma mais afetuosa e participante. Desta forma, os filhos de casais que apresentam estilos de apego seguro e inseguro não diferenciam de maneira significativa daqueles cujos pais possuem, ambos, estilos de apego seguros. Contudo, a corroboração a este último argumento deve ser tomada com muita cautela, uma vez que o número de Tríades que apresentaram o pai e o(a) filho(a) com estilo de apego seguro e a mãe com estilo inseguro é muito reduzido (6 ao todo) para se tomar como referência segura. Ademais, dessas 6 Tríades, 2 delas apresentam a mãe e o (a) filho (a) com apegos seguros e o pai com estilo inseguro. Outra contradição ao argumento sobre a suposta paridade dos

efeitos combinados de estilos de apego seguros de ambos os pais e estilos de apego diferentes (com apenas um dos pais apresentando estilo de apego seguro), são os achados do teste canônico das diferenças entre proporções (ilustrado no gráfico 1 adiante), o qual aponta uma tendência probabilística maior de influência de pais, ambos com estilos de apego seguros, no estabelecimento de estilo de apego seguro nos filhos, mas não igual aos casos em que apenas um dos pais apresentam estilo de apego seguro. A pior hipótese de acordo com os achados da presente pesquisa foi quando ambos os pais apresentam estilos de apego inseguros, onde os filhos também apresentaram estilos de apego inseguros.

Adotando outra maneira de escrutinar os dados, sete variáveis diferentes foram produzidas a partir das variações nas composições em termos de estilos de apego apresentados nas 31 Tríades completas. Assim sendo, a variável “222” representa as Tríades onde todos os três apresentam estilos de apego seguros. A variável “22i” representa filho(a) e mãe com estilos de apego seguros e pai com estilo inseguro. A variável “2ii” representa filho(a) com estilo de apego seguro e pai e mãe com estilos de apego inseguros. A variável “i22” representa filho(a) com estilo de apego inseguro e pai e mãe com estilos de apego seguros”. Já a “i2i”, filho(a) e pai com estilos de apego inseguros e mãe com estilo de apego seguro. Finalmente, a variável “2i2” indica filhos (a) e pais com estilos de apego seguros e mãe com estilo inseguro.

**Tabela 7 .Combinação dos estilos de apego / tríades**

<b>Combinações de Estilos / Tríades</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
222	10	32,3
22i	2	6,5
2ii	4	12,9
i22	2	6,5
i2i	3	9,7
iii	6	19,4
2i2	4	12,9
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

Considerando a tabela 7, de 3 frequências referentes às sete variáveis anteriormente descritas, verifica-se que 51,7% das Tríades completas apresentaram estilos de apego seguros em pelos menos dois integrantes das Tríades, sendo dessas todos os filhos. O que novamente segue a tendência argumentos de outras pesquisas no que concerne à influência dos estilos de apego dos pais (transmissão intergeracional) no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos. No entanto, levando em consideração as hipóteses sugeridas pelo presente trabalho, quais sejam:

1. Quando o casal que cuida dos filhos possui estilos de apego semelhantes, os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar da mesma forma dos pais.
2. Quando o casal possui um, o estilo seguro, o outro, o estilo inseguro; os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar de maneira mais próxima ao estilo de apego seguro do pai ou da mãe.

Retomando a Tabela 7, interessante observa-se que mais da metade (51,7%) das Tríades apresentam consonância com a hipótese 1, onde os pais possuem estilos de apego semelhantes a filhos com estilos de apego igual ao dos pais. Nesse caso específico, vale salientar que 19,4% daquelas Tríades eram compostas por pai, mãe e filhos com estilos de apego inseguros; o que novamente parece corroborar a teoria sobre a transmissão intergeracional de estilos de apego. Todavia, outros 19,4% das Tríades totais apresentaram pais com estilos de apego semelhantes com filhos com estilo de apego diferente daqueles dos pais, independentemente se os estilos de apego dos pais eram seguros ou inseguros, o que parece sugerir também que outras variáveis além das relações afetivas “intratríades” entram no processo de estabelecimento dos estilos de apego das pessoas. Estas outras variáveis podem se configurar como a possibilidade de se estabelecer o vínculo afetivo à múltiplas figuras de apego (Dalbem & Dell’Aglia, 2008) ou até mesmo a uma relação de apego a uma entidade espiritual como Deus (Sim & Loh, 2003), já que nas instituições das crianças participantes havia a ênfase na presença de Deus como amor na vida de todos.

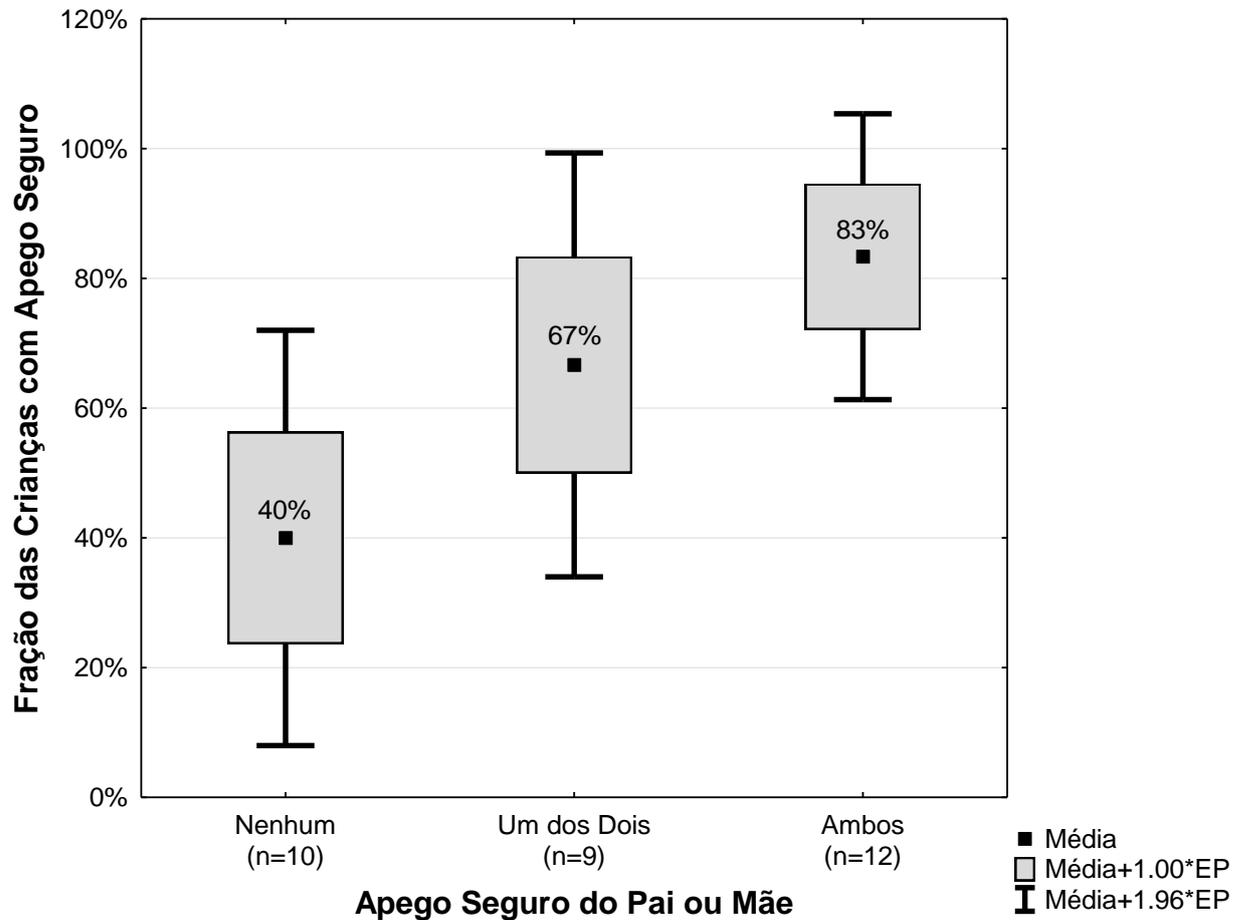
Se fôssemos comparar em termos de pais e filhos com estilos de apego semelhantes e pais com estilos de apego diferentes de seus filhos temos então os valores de 51,7% em favor da hipótese 1 e 19,4% indo em direção contrária à mesma.

Considerando a hipótese 2, verifica-se que novamente temos 51,7% das Tríades (16 delas) apresentando situações que parecem corroborar a hipótese de que quando um dos pais tem estilo de apego seguro, o mesmo ou a mesma serve como proteção para o(a) filho(a) no que tange o estabelecimento de seu estilo de apego, seguindo a tendência daquele genitor que apresenta o estilo de apego seguro. Ainda assim, 9,7% (3 delas) das Tríades que possuíam um dos pais com estilos de apego seguro, apresentam

filhos com estilos de apego inseguro. Apesar do número bastante pequeno de Tríades nessas condições, não se pode ignorar esse dado, já que o mesmo numa amostragem maior pode se apresentar ainda com maior frequência, o que, por sua vez, aponta para o questionamento da própria hipótese 2 aqui proposta.

Por outro lado, considerando o teste canônico da diferença entre proporções realizado, obtêm-se indicações ainda mais consistentes a favor da Hipótese 1, mas também à Hipótese 2, como se pode verificar abaixo no Gráfico 1 *boxplot* (Caixa e Bigode), onde a diferença entre a fração de crianças com apego seguro para o grupo com ambos os pais tendo apego seguro versus o grupo com nenhum dos pais com apego seguro mostrou-se estatisticamente significativa ( $t= 2.244$  e  $p=.04$  no Teste Canônico da Diferença Entre Proporções).

**Gráfico 1.** Apego Seguro dos Pais vs. Apego Seguro das Crianças



O que se pode afirmar a partir do resultado da análise acima é que há uma diferença significativa entre os casais que possuem estilos de apego seguro e a probabilidade de seus filhos seguirem o mesmo padrão e os pais onde nenhum deles possui estilo de apego seguro e a probabilidade de seus filhos desenvolverem estilos de apego seguros. Em outras palavras, quando ambos os pais possuem estilos de apego seguro a probabilidade de seus filhos seguirem o mesmo padrão é significativamente maior do que quando ambos os pais não possuem estilos de apego seguro. Este resultado encontra congruência com outros estudos realizados no campo da Teoria do

Apego (Ein-Dor, Mikulincer, Doron&Shaver, 2010; Shomaker&Furman, 2009; Ng&Smith, 2006; Obegi, Morrison &Shaver , 2004).

Mesmo não havendo diferença significativa entre o grupo onde um dos pais apresenta estilo de apego seguro e o grupo, onde ambos os pais apresentam estilos de apego seguros e inseguros, o que se pode perceber é que há uma tendência de uma crescente probabilidade da influência do estilo de apego seguro de um dos pais no estabelecimento do estilo apego seguro nos filhos. Tal achado tende a corroborar também a hipótese 2, ainda que de forma estatisticamente não significativa. Também corrobora o estudo indiretamente o estudo de Attili, VermiglieRoazzi (2012), o qual aponta o aspecto protetor do estilo de apego seguro do pai e efeito deste no estabelecimento do estilo de apego dos filhos, quando a mãe possui estilo de apego inseguro. A diferença fundamental entre aquele estudo dos autores e o presente, é que a análise acima não distingue se era o pai ou a mãe que apresentava estilo de apego seguro. Levando em considerações a análise two-wayjoining de agrupamento, é possível especular que o presente estudo aponta uma tendência da proteção/influência do estilo de apego seguro do pai ou da mãe em relação ao estabelecimento de estilo de apego seguro dos filhos, indiscriminadamente.

A afirmação anterior sobre a tendência de uma crescente probabilidade da influência do estilo de apego seguro de um dos pais no estabelecimento do estilo apego seguro nos filhos,também encontra suporteno teste canônico das diferenças entre proporções (Tabela 8) onde se separou o grupo dos pais (mãe e pai) e se verificou as influências de cada um em relação aos filhos. Mesmo que novamente aqui as diferenças entre as variáveis estilos de apego seguro do pai, da mãe e dos filhos não tenham apresentado significância estatística, provavelmente pelo baixo número de sujeito nas comparações.No entanto, é possível verificar que há uma tendência do(a) filho(a) da

genitora com estilo de apego seguro seguir o mesmo padrão, assim como do(a) filho(a) do genitor com estilo de apego seguro seguir o padrão dos pais, com uma tendência maior de influência do pai nesse caso, como se pode observar na Tabela 8 abaixo. Este último argumento também tende a corroborar os achados da pesquisa de Attili, Vermigli e Roazzi (2012), os quais apontam uma influência maior do estilo de apego seguro do pai em comparação com a mãe de estilo de apego inseguro.

**Tabela 8.** Comparação da fração de crianças com apego seguro segundo o tipo de apego do pai e da mãe separadamente.

	Apego Seguro		Teste Canônico	
	Não	Sim	T	p
Pai	46% (n=13)	74% (n=19)	-1.593	0.12
Mãe	52% (n=21)	71% (n=24)	-1.268	0.21

Considerando a análise correlacional do tipo tetracórica, ilustrada na Tabela 9, relativa à influência dos estilos de apego dos pais separadamente no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos, apesar de não haver relações estatisticamente significativas entre variáveis, e também da tendência da influência de ambos os pais com estilos de apego seguro está associada aos filhos com estilos de apego seguro, o que se pode notar é que os pais (homens) apresentam uma probabilidade de influência ainda assim maior do que a das mães. Novamente aqui, embora os escopos do presente estudo e o de Attili, Vermigli e Roazzi (2012) sejam diferentes, os achados deste estudo tendem a dar suporte aos daqueles autores, no que tange o argumento da influência do estilo de apego do pai no estabelecimento do estilo de apego dos filhos. Ademais, tomando como referência as análises qui-quadrado adiante (Tabelas 10, 11, 12 e 13), o

pai nas relações triádicas aparentemente influencia em maior intensidade os filhos homens, independentemente se os estilos de apego deles são seguros ou inseguros.

**Tabela 9.** Correlações tetracóricas entre os apegos seguros de pai, mãe e criança.

	Criança	Mãe	Pai
Criança	1.00		
Mãe	.30 p=.44 (n=45)	1.00	
Pai	.43 p=.29 (n=32)	.63 p=.06 (n=31)	1.00

Os achados decorrentes da Tabela 9 também, ainda que as relações encontradas não sejam estatisticamente significativas, estão em consonância com as análises do qui-quadrado, onde foram cruzadas as frequências referentes aos estilos de apego de pais e mães em relação aos estilos de apego de seus filhos, tomando como referência o sexo das crianças, de cujo resultados apontaram o seguinte panorama.

**Tabela 10.** Análise Qui-Quadrado referente aos estilos seguro e inseguro das mães em relação aos estilos de apego seguro e inseguro dos filhos homens.

Estilo de Apego dos Filhos	Estilo de Apego das Mães		
	Seguro	Inseguro	Total
Seguro	7 58.3%	5 41.7%	12 100%
Inseguro	3 27.3%	8 72.7%	11 100%
Total	10 43.5%	13 56.5%	23 100%

Não houve diferença significativa em nenhum dos cruzamentos feitos.  
Qui-Quadrado = 2.253; p =0.133.

**Tabela 11.** Análise Qui-Quadrado referente aos estilos seguro e inseguro dos pais em relação aos estilos de apego seguro e inseguro dos filhos homens.

<b>Estilo de Apego dos Pais</b>			
<b>Estilo de Apego dos Filhos</b>	<b>Seguro</b>	<b>Inseguro</b>	<b>Total</b>
<b>Seguro</b>	6 75%	2 25%	8 100%
<b>Inseguro</b>	2 22.2%	7 77.8%	11 100%
<b>Total</b>	8 47.1%	9 52.9%	17 100%

Houve diferença significativa nos cruzamentos realizados.

**Qui-Quadrado = 4.735; p = 0.030.**

**Tabela 12.** Análise Qui-Quadrado referente aos estilos seguro e inseguro das mães em relação aos estilos de apego seguro e inseguro das filhas.

<b>Estilo de Apego das Mães</b>			
<b>Estilo de Apego das Filhas</b>	<b>Seguro</b>	<b>Inseguro</b>	<b>Total</b>
<b>Seguro</b>	3 60%	2 40%	5 100%
<b>Inseguro</b>	8 47.1%	9 52.9%	17 100%
<b>Total</b>	11 47.1%	11 52.9%	22 100%

Não houve diferença significativa nos cruzamentos realizados.

**Qui-Quadrado = 0.259; p = 0.611.**

**Tabela 13.** Análise Qui-Quadrado referente aos estilos seguro e inseguro dos pais em relação aos estilos de apego seguro e inseguro das filhas.

<b>Estilo de Apego dos Pais</b>			
<b>Estilo de Apego das Filhas</b>	<b>Seguro</b>	<b>Inseguro</b>	<b>Total</b>
<b>Seguro</b>	1 25%	3 75%	4 100%
<b>Inseguro</b>	4 33.3%	8 66.7%	12 100%
<b>Total</b>	5 31.3%	11 68.8%	16 100%

Não houve diferença significativa nos cruzamentos realizados.

**Qui-Quadrado = 0.097; p = 0.75.**

Exceto a segunda análise (Tabela 11) onde se comparou estilos de apego seguro e inseguro dos pais em relação às ocorrências de estilos de apego seguro e inseguro dos

filhos (sexo masculino), todas as outras comparações não apresentaram diferenças significativas entre grupos Filho-Seguro/Mãe-Segura e Filho-Inseguro/Mãe-Insegura, assim como Filha-Segura/Pai-Seguro e Filha-Insegura/Pai-Inseguro. Já no caso da Tabela 11, o qui-quadrado de 4.735  $p = 0.030$  aponta uma diferença significativa entre os grupos Filho-Seguro/Pai-Seguro e Filho-Inseguro/Pai-Inseguro, havendo um maior número de crianças seguras apresentando um maior número de pais seguros e um maior número de pais com estilos inseguros com filhos de estilos inseguros. Em outras palavras, os pais de estilos de apego seguros e inseguros parecem ter uma influência maior no que concernemos filhos do sexo masculino que apresentam estilo de apego seguro e inseguro, respectivamente.

Em resumo, tanto a hipótese 1 quanto a hipótese 2 encontram respaldo nos achados do presente estudo, mesmo que em vários momentos, principalmente a hipótese 2, apenas em termos de tendência estatística. No entanto, um achado surpreendente foi o fato da influência dos pais homens no estabelecimento dos estilos de apego dos filhos homens. Contudo, é necessário considerar os achados nesse sentido com certa cautela, já que o tamanho da amostra é limitado e o seu aumento poderia causar uma mudança no panorama geral da análise dos dados.

## **SAT-B**

Verificando as respostas do teste projetivo SAT-B foi possível encontrar respostas diferentes entre meninos e meninas em relação a perguntas diferentes, e semelhanças entre meninas, como também entre meninos referentes a perguntas iguais e situações hipotéticas iguais. Em outras palavras, algumas respostas intragrupos foram bastante semelhantes para perguntas e situações hipotéticas iguais.

### **Estilo de Apego C = Inseguro-Ambivalente.**

Quando mostrado a quarta figura mais adiante, a qual contém uma situação hipotética moderada, uma das perguntas feitas às crianças foi “o que você acha que o (a) menino (a) está sentindo agora?” e “Por que você acha que ele/ela se sente assim?”.

Comparando as respostas obtidas da parte das meninas e dos meninos foi possível constatar certa tendência das meninas em responder a primeira pergunta da seguinte forma: “acha que está acontecendo alguma coisa”, “ta sentindo que alguma coisa está errada”, “está desconfiada porque acha que é alguma coisa ruim” e “ta curiosa pra saber o que eles querem conversar”. Em responder a segunda pergunta da seguinte forma: “porque acha que vai acontecer algo ruim” ou “porque acha que fez algo errado”. Já da parte dos meninos a tendência foi responder a primeira pergunta da seguinte forma: “ta meio triste” ou “ta triste”. E a segunda pergunta da seguinte forma: “porque os pais não querem brincar com ele” ou “ porque os pais querem que ele brinque só”. Geralmente os meninos também enfatizavam certo medo de ir brincar só.

As palavras “medo”, “ansiedade”, “nervoso”, “triste”, “chateado” em todas as situações hipotéticas foram as mais citadas por ambos os sexos. Tais palavras estão em consonância com o estilo de apego inseguro-ambivalente, também chamado na literatura de ansioso-ambivalente, onde o nível de ansiedade é alto e de evitamento é baixo.

**G4. A menina foi ao parque com os pais. Na figura os pais pedem à filha para ir jogar um pouco sozinha porque eles querem estar a sós para conversar um pouco.**



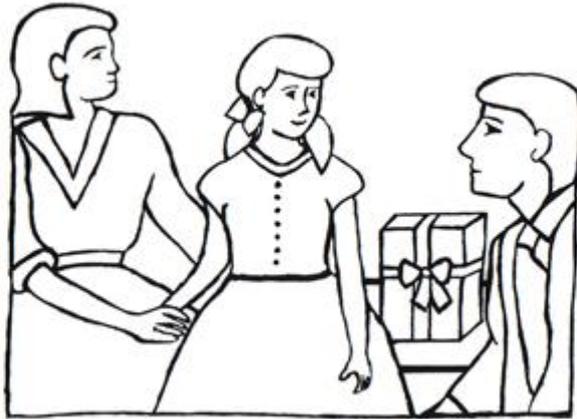
### **Estilo de Apego A = Inseguro-Evitante**

Nesse caso fazer uma comparação entre-grupos não foi possível já que apenas uma das meninas participantes apresentou estilo de apego inseguro-evitante. No entanto, quando da observação das respostas dadas pelos meninos a uma situação hipotética severa (ver adiante), as respostas obtidas para a primeira pergunta “o que você acha que o menino está sentindo?” variaram sempre em três possibilidades, quais sejam: “ta feliz” e “ta chateado” “com raiva”. Em relação à segunda pergunta “porque você acha que ele se sente assim?”, as respostas obtidas foram “ta alegre porque vão viajar”, “ta feliz pelo presente” e “ta com raiva/chateado porque vai ficar só outra vez”.

As palavras mais citadas em todas as situações hipotéticas foram “feliz”, “alegre”, “chateado”, “raiva” e “medo”, tanto pra os sete meninos quanto para a menina que apresentaram tal estilo de apego. Também nesta situação as palavras mais frequentes estão em consonância com o estilo de apego em questão, pois o que se tem

visto na literatura é níveis de evitamento alto e ansiedade baixos, expressões falsas de independência e desvinculação afetiva. Considerando que a situação era severa, seria bastante estranho estar feliz aos 7, 8 ou 9 anos porque os pais iam viajar e deixa-los sós por duas semanas.

**G5. Os pais estão prestes a viajar por duas semanas e deixam a filha em casa. Antes de saírem deixam um presente legal para ela. Na figura os pais se despedem da menina.**



### **Estilo de Apego B = Seguro**

Considerando ainda a situação hipotética severa acima, as respostas obtidas dos meninos e das meninas para as perguntas “o que você acha que o (a) menino (a) está sentindo agora?” e “Por que você acha que ele/ela se sente assim?”, tanto para meninos quanto para meninas, tenderam em sua maioria sempre a seguir o seguinte padrão: “ta triste e ta feliz” ou “ta triste” e “triste pela viagem e feliz pelo presente” ou “porque vai ficar só”. Quando consideradas as respostas relativas à pergunta “o que você acha que

o(a) menino(a) fará quando rever os pais?”, as mesmas seguiram em totalidade, para meninos e meninas, o seguinte padrão: “vai ficar feliz” e “vai correr pra dar um abraço”.

As palavras mais citadas em todas as situações hipotéticas, tanto por meninas quanto por meninos, foram: “triste”, “feliz” e “medo”, com a palavra “feliz” mencionada mais vezes. Outra vez aqui as palavras mais mencionadas estão em consonância com o estilo de apego seguro, onde tanto o nível de ansiedade quanto o de evitamento são baixos e as crianças apresentam argumentos equilibrados sobre situações moderadas e severas, com sentimentos de medo moderado dependendo da situação, autoestima elevada e tristeza relacionada ao distanciamento do vínculo afetivo, às figuras de apego ou aos pais.

### **Estilo de Apego D = Desorganizado**

Apenas três meninos e uma menina apresentaram estilo de apego inseguro. Em relação à situação hipotética moderada da quarta figura apresentada aos meninos e meninas (ver abaixo), as respostas às perguntas “o que você acha que o (a) menino (a) está sentindo agora?” e “Por que você acha que ele/ela se sente assim?” obtidas dos meninos seguiram o seguinte padrão: “sente que não tem importância” e “ta com medo” para a primeira pergunta e “porque os pais podem deixar ele por lá” “porque os pais não tão nem aí pra ele” e “porque vai brincar só”. A resposta obtida da participante para a primeira pergunta foi: “ta curiosa”; e para a segunda pergunta: “quer saber o que os pais querem conversar”.

As palavras mais citadas para todas as situações hipotéticas pelos quatro participantes foram: “medo”, “chateado”, “mal”, “raiva” e em um caso “abandono”. Em relação a esta última classificação de estilo de apego, não se pode argumentar com

muita precisão pelo número de participantes que apresentaram tal estilo. Mesmo assim, levando em consideração as palavras mais citadas pelos participantes, sentimentos como o de ser abandonado, estar chateado e de sentir raiva em várias situações moderadas ou severas, por exemplo, aparentam denotar uma vontade implícita de ser reconhecido ou de ausência de afeto por parte dos pais e absenteísmo maternal e/ou paternal.

**G4. A menina foi ao parque com os pais. Na figura os pais pedem à filha para ir jogar um pouco sozinha porque eles querem estar a sós para conversar um pouco.**



A partir das respostas no SAT-B foi possível identificar diferenças entre as respostas dadas por crianças com estilos de apego inseguros e seguros. Considerando as palavras mais citadas para cada estilo de apego,

- **Inseguro-Ambivalente**- “medo”, “ansiedade”, “nervoso”, “triste”, “chateado”  
**Inseguro-Evitante** - “feliz”, “alegre”, “chateado”, “raiva” e “medo”
- **Seguro** - “triste”, “feliz” e “medo”, com a palavra “feliz” tendo predominância
- **Desorganizado** - “medo”, “chateado”, “mal”, “raiva” e em um caso “abandono”.

é possível perceber que algumas palavras se repetiram em vários estilos de apego, como feliz, medo, triste e raiva. No entanto, apesar dos significados destas palavras serem iguais, aparentemente o que diferenciou seu uso ou de palavras similares foi o sentido atribuído às mesmas mediante as situações hipotéticas. Por exemplo, a tristeza sentida por um participante de estilo de apego Inseguro-Ambivalente estava mais relacionada ao ficar só ou porque os pais não querem levar a criança do que pelo tempo em que se ficaria afastado dos pais, o que é bastante evidente naqueles com estilos de apego Seguro, mas ainda assim de maneira ponderada. Estar feliz para um participante Inseguro-Evitante muitas vezes se expressou por poder ficar só sem os pais, enquanto que para aqueles com estilo de apego seguro, significou muito mais o poder rever e estar juntos aos pais.

Como forma de ilustrar as variações em respostas de participantes com estilos de apego diferentes, tomando a situação hipotética severa onde os pais vão viajar por duas semanas e deixar o(a) filho(a) só em casa, temos como respostas às perguntas “o que você acha que o(a) menino(a) está sentindo agora?” e “por que você acha que ele/ela se sente assim?”, temos os exemplos de respostas anteriormente mencionados nos resultados:

***Participante Inseguro-Ambivalente Y e Z:*** “um pouco aflita porque vai ficar longe dos pais e sozinha” e “ta com medo porque vai ficar só e alguém pode entrar na casa para roubar as coisas”, respectivamente.

***Participantes Inseguro-Evitante V e X:*** “ta feliz porque ganhou o presente” e “feliz porque ganhou um presente/sem problemas com a viagem”, respectivamente.

***Seguro T e U:*** “ta triste pela viagem e feliz pelo presente” em ambos os casos.

***Desorganizado S:*** “vai sentir medo de ficar só, sentir fome, saudade e se sentir abandonado”.

## CAPÍTULO V

### Discussão

Considerando-se o fato de que a maioria dos participantes desta pesquisa apresentaram estilos de apego seguros (76 pessoas ou 56,4% da amostra), tais achados corroboram os estudos realizados em diversas partes do mundo, como o de Ein-Dor, Mikulincer, Doron e Shaver (2010), apresentados no primeiro capítulo deste trabalho. É importante salientar, no entanto, que a população aqui estudada era de etnia não branca, de classe socioeconômica C e D e de configurações familiares das mais diversas, muitas em situação de vulnerabilidade social. Mesmo assim, os dados do presente estudo referentes à predominância de pessoas com estilos de apego seguros apresentam uma congruência com os primeiros estudos realizados na Angola por Mary Ainsworth *et al.* (1978), os quais também abordaram pessoas de baixa renda e de etnia não branca, embora a ênfase tenha sido dada as relações diádicas entre mãe e filhos.

Por outro lado, quando da divisão dos grupos em pais, mães e filhos, observa-se que o número de crianças que apresentaram estilos de apego seguros cai em relação à distribuição geral, perfazendo um total de 56,1% (N=25) das 57 crianças participantes. Comparando esses dados com o número total de pessoas com estilo seguro envolvidas no estudo (76), é possível notar que as crianças representam aproximadamente 1/3 daquele total. Portanto, o número de adultos que apresentam estilos de apego seguros é maior que o número de crianças, o que seria natural se a soma das frequências de pais, mães e filhos que apresentam estilos de apego seguros fossem equivalentes. Contudo, o que se configurou não foi assim, o que na verdade pode indicar que outros elementos

socioculturais e ambientais podem estar influenciando as configurações de apego das crianças envolvidas no presente trabalho. Ademais, um fato bastante contraditório em relação à literatura disponível, mas também bastante intrigante, foi os dados de 2 Tríades onde os dois genitores apresentaram estilos de apego seguros e suas filhas apresentaram estilos de apego ambas inseguro-ambivalente. E em outras 4 Tríades onde ambos os pais apresentaram estilos de apego inseguros e um filho e três filhas apresentaram estilos de apego seguros. Um argumento plausível para tal evento é a possibilidade do desenvolvimento de comportamento de apego a múltiplas figuras de apego (Kurdek, 2008) viabilizadas a partir da vivência das crianças participantes em suas instituições (Dalbem & Dell'Aglio, 2008), as quais no caso do presente estudo pode se configurar também como uma relação com Deus como se esta entidade fosse uma base segura (Sim & Loh, 2003), visto que em todas as três instituições envolvidas na pesquisa era oferecido às crianças algum tipo de formação cristã.

Um fato importante de se ressaltar é que o grupo dos meninos apresenta um percentual de ocorrência maior de todos os tipos de estilo de apego inseguro e um percentual menor de ocorrência de estilos de apego seguros quando comparados com o grupo das meninas. Esses achados sugerem que os pais homens com estilos de apego inseguros estavam influenciando em maior proporção os filhos homens, principalmente quando se considera os resultados das frequências nas tabelas 4, 5 e 6 relativas às distribuições dos estilos de apego para os grupos pai, mãe filhos, e as tabelas 10, 11, 12 e 13, relativas às análises qui-quadrado.

Já na Tabela 3 as frequências de estilos de apego inseguro evitante, inseguro ambivalente e desorganizado perfazem um total de 29,8% do N=28 de participantes do sexo masculino. As frequências dos estilos de apego inseguro evitante, inseguro ambivalente e desorganizado perfazem um total de 15,9% do N=29 de participantes do

sexo feminino. No que concerne aos estilos de apego seguros o percentual total de meninos é de 19,3% do N= 28 de participantes do sexo masculino e o das meninas é de 35,1% do N=29 de participantes do sexo feminino.

Importante ainda enfatizar que o número de meninos e meninas participantes é praticamente igual (N=28 e N=29, respectivamente) e que, apesar de não existir uma diferença significativa em relação aos percentuais de ocorrência dos estilos de apego entre os grupos feminino e masculino. Esses dados não podem ser relevados, pois levam ao questionamento do por que as meninas apresentarem uma frequência maior de estilos de apego seguros e uma menor de estilos de apego inseguros, visto que do total de 78 pais (mães e pais juntos) envolvidos na pesquisa, 44 apresentaram estilos de apego seguro, sendo 20 pais e 24 mães. No entanto, dos resultados das análises de qui-quadrado realizadas, o que se constatou foi que os pais homens de estilos de apego seguros e inseguros exercem uma influência maior naqueles filhos homens também com estilos de apego seguros e inseguros(ver Tabela 11 relativa à análise de qui-quadrado onde  $p = 0.030$ ) – considere-se que o N das mães participantes é maior do que o N dos pais, 45 e 33, respectivamente. Esses resultados levam a crer que nesse caso específico, as filhas parecem estar sendo mais influenciadas pelas mães no que concerne o estabelecimento de seus estilos de apego, embora as análises qui-quadrado envolvendo apenas mãe e filhas não tenham apresentado diferenças significativas. De toda forma, os resultados apresentados estão em consonância com a proposição na literatura sobre a transmissão intergeracional de estilos de apego (Ein-Dor, Mikulincer, Doron&Shaver, 2010; Shomaker&Furman, 2009;Ng& Smith, 2006; Obegi, Morrison &Shaver, 2004).

Aparentemente, mesmo não havendo indicações significativas (ver Tabela 11), quando dos cruzamentos dos estilos de apego das filhas com os estilos de apego dos pais e das mães separadamente, sobre a influência do pai ou da mãe em relação ao estilo

de apego de suas filhas, é ainda plausível afirmar que, ou as mães exercem uma maior influência sobre suas filhas, em termos de estilos de apego seguros ou outras variáveis socioambientais, ou até mesmo os pais estão contribuindo para o estabelecimento desse estilo de apego nas meninas. Novamente, aqui o argumento do desenvolvimento de comportamento de apego a múltiplas figuras de apego ganha força (Kurdek, 2008), assim como o papel que instituições podem exercer no estabelecimento ou modificação de estilos de apego (Dalbem & Dell’Aglia, 2008).

Contudo, pode ser que de uma forma geral a influência dos pais (homens) no estabelecimento dos estilos de apego de suas filhas esteja sendo subestimado, argumento que encontra suporte em Punyanunt-Carter (2006) que enfatiza a falta de pesquisas voltadas para a relação pai-filha e aponta evidências de que os estilos de apego de pais e filhas influenciam o comportamento de manutenção de seus relacionamentos. Ou ainda, o que pode estar ocorrendo é justamente o que Tacón e Caldera (2001) afirmam sobre a existência de relações *holotrópicas* entre genitores e filhos com, ora os pais exercendo maior influência sobre os filhos, ora a mãe o faz num processo de alternância nessas relações de apego – quiçá até mesmo em espaços temporais mais imediatos do que aqueles apresentados no decorrer das mudanças biopsíquicas no desenvolvimento do ser humano. Todavia todas essas hipóteses teriam ainda que ser posteriormente investigadas, uma vez que o escopo do presente estudo e número de participantes do mesmo não permitem inferências mais precisas sobre o que foi discutido aqui.

Se considerarmos o contexto sociocultural em que vivemos, onde, principalmente nas classes sociais mais baixas, devido a uma série de variáveis como baixa escolaridade, qualidade de vida baixa e machismo, as relações afetivas e cuidados com o infante nos primeiros anos de vida são muito mais relegados às mães

(considerando também que o autor possui mais de 17 anos de experiência trabalhando com pessoas de comunidades carentes e de baixa condição socioeconômica, o que em si em termos paradigmáticos são dados a serem considerados), as quais frequentemente não apresentam sensibilidade e responsividade adequados às necessidades de seus filhos, aparentemente por uma questão de necessidade prática de terem que conciliar trabalho, afazeres de casa, de dar atenção ao marido e ainda cuidar dos filhos - uma situação que se replica em outras realidades socioculturais (Schmidt & Argimon, 2009; Ribas & Moura, 2004; Silva, Le Pendu, Pontes & Dubois, 2002; Lara et al, 1994). Ademais, considerando a faixa-etária das crianças participantes (7-9 anos), que o grupo das mães apresenta uma frequência maior de ocorrências de estilos de apego inseguros em relação aos pais (ver Tabelas 5 e 6), seria de se esperar então que as meninas apresentassem uma frequência maior de estilos de apego inseguros e um menor de estilos de apego seguros em comparação com o grupo dos meninos, por decorrência da influência das mães. Contudo, o que acontece é justamente o contrário, o que, por sua vez, novamente fortalece a hipótese de que outras variáveis socioambientais podem estar exercendo influência no estabelecimento dos estilos de apego das meninas participantes do presente estudo, o que também encontra respaldo na literatura (Dalbem & Dell'Aglio, 2008).

Considerando a combinação dos estilos de apego intratríades (Tabela 7), do total de 135 pessoas, 93 constituem as 31 Tríades completas envolvidas na pesquisa, das quais 10 Tríades apresentaram estilo de apego seguro para mãe, pai e filho (a) e em outras 6 Tríades o que ocorreu foi um dos pais apresentando estilo de apego seguro assim como o (a) filho (a). Sendo que dessas 6 Tríades, 4 delas apresentaram o pai com estilo de apego seguro juntamente com o filho (a). Somando-se a esses achados o número de Díades (6 ao todo) ambos com estilos de apego seguros, tem-se um número

total de 22 filhos (48% do total de crianças envolvidas na pesquisa, N=57) que aparentemente seguiram o padrão, senão de ambos os pais, pelo menos de um deles.

Considerando-se também os resultados obtidos no teste canônico da diferença entre proporções (Gráfico 1 - Apego Seguro dos Pais vs. Apego Seguro das Crianças e Tabela 8: Comparação da fração de crianças com apego seguro segundo o tipo de apego do pai e da mãe separadamente) e a análise correlacional tetracórica (Tabela 9: Correlações tetracóricas entre os apegos seguros de pai, mãe e criança), como também a análise de agrupamento do tipo two-way joining (Diagrama 1); os achados decorrentes dessas análises seguem a tendência do que Obegi, Morrison e Shaver (2004) afirmam sobre o mecanismo responsável pela transmissão intergeracional de estilos de apego de pais para filhos (as) como sendo, ao menos em parte, a qualidade dos cuidados dados pelos genitores, os quais são moldados pelos próprios estilos de apego destes e de Ein-Dor, Mikulincer, Doron e Shaver (2010) apud Main, Kaplan e Cassidy (1985) que apontam a qualidade das interações entre pais e filhos como mediadores da transmissão intergeracional do apego.

Estes argumentos encontram amparo no presente estudo não só pela quantidade de Tríades (16) onde pai, mãe e filhos apresentaram estilos de apego seguros e díades (6) onde pelo menos um dos pais apresentou estilo de apego seguro juntamente com o filho ou filha, mas também quando se considera as 9 Tríades (29,1% das 31 Tríades) onde o(a) filho(a) seguiu o padrão de um dos pais com apego inseguro, seja evitante, ambivalente ou desorganizado. Apesar dos dados sobre as 9 Tríades, onde 2 delas apresentaram um filho e uma filha seguindo o padrão inseguro da mãe mesmo com os pais apresentando estilos de apego seguros e 1 Tríade em que o filho seguiu o padrão inseguro do pai mesmo com a mãe apresentando o estilo de apego seguro. E também dos dados sobre 1 Díade, onde o pai apresentou estilo de apego seguro, mas o filho

apresentou estilo de apego evitante. Mesmo estes sem muita expressividade em relação à população estudada, no entanto, se fossem consideradas apenas aquelas frequências, os dados não deveriam ser desconsiderados, pois não estão em consonância com o estudo de Attili, Vermiglie e Roazzi (2012). Estes autores investigando em seu estudo casais e a influência dos estilos de apego dos mesmos no status social dos filhos, concluíram que naqueles casais cujos pais apresentam um modelo mental seguro e a mãe um modelo inseguro, a tendência é que o modelo mental seguro do pai além de promover a competência global dos dois genitores, sirva também como proteção aos filhos, pois a influência do mesmo ajuda a mãe com estilo de apego inseguro a se comportar de forma mais afetuosa e participante. Talvez a explicação para esses dados esteja nas possíveis variações em função do nível socioeconômico na distribuição de comportamento de apego (Alonso-Arbiol, Balluerka & Shaver, 2007; Mallinckrodt & Wang, 2004; Tacón & Cladera, 2001).

Ainda tomando como referencial a combinação dos estilos de apego intratríades (Tabela 7), de 3 frequências referentes às sete variáveis anteriormente descritas, verifica-se que 51,7% das Tríades completas apresentaram estilos de apego seguros em pelos menos dois integrantes das Tríades, sendo dessas todos os filhos. Em relação ao número total de estilos de apego seguros apresentado (56,4%), o mesmo segue muito proximamente a tendência mundial de distribuição de estilos de apego (Ein-Dor, Mikulincer, Doron & Shaver, 2010).

No entanto, levando em consideração as hipóteses sugeridas pelo presente trabalho, quais sejam:

1. Quando o casal que cuida dos filhos possui estilos de apego semelhantes, os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar da mesma forma dos pais.
2. Quando o casal possui um, o estilo seguro, o outro, o estilo inseguro; os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar de maneira mais próxima ao estilo de apego seguro do pai ou da mãe.

Observa-se que mais da metade (51,7%) das Tríades apresentam consonância com a hipótese 1, onde os pais possuem estilos de apego semelhantes terão filhos com estilos de apego igual ao dos pais. Tal evidência também é enfatizada resultado do teste canônico demonstrado no Gráfico 1 *boxplot* (caixa e bigode), onde a proporção de crianças com estilos de apego seguros aumenta consideravelmente em comparação com o caso onde ambos os pais possuem estilos de apego inseguros, e até mesmo onde apenas um deles possui estilo de apego seguro. Nesse caso específico, vale salientar que 19,4% daquelas Tríades eram compostas por pai, mãe e filhos com estilos de apego inseguros; o que tende a corroborar a teoria sobre a transmissão intergeracional de estilos de apego e que isto independe da configuração de apego triádica. Todavia, outros 19,4% das Tríades totais apresentaram pais com estilos de apego semelhantes com filhos com estilo de apego diferente daqueles dos pais, independentemente se os estilos de apego dos pais eram seguros ou inseguros, o que parece sugerir também que outras variáveis além das relações afetivas “intratríades” entram no processo de estabelecimento dos estilos de apego das pessoas.

Se fôssemos comparar em termos de pais e filhos com estilos de apego semelhantes e pais com estilos de apego diferentes de seus filhos, temos então os valores de 51,7% em favor da hipótese 1 ou 84% de probabilidade dos casos das

crianças analisadas nas 31 tríades apresentarem estilos de apego seguros juntamente com ambos os pais de mesmo padrão de apego, como representado no Gráfico 1, em favor da mesma hipótese.

Considerando a hipótese 2, os testes canônico de diferenças das proporções (Tabela 8) e da correlação tetracórica (Tabela 9) apresentam uma forte tendência a dar suporte a segunda hipótese, a qual enfatiza que quando um dos pais tem estilo de apego seguro, o mesmo ou a mesma serve como proteção para o(a) filho(a) no que tange o estabelecimento de seu estilo de apego, seguindo a tendência daquele genitor que apresenta o estilo de apego seguro. Ainda assim, 9,7% (3 Tríades) das Tríades que possuíam um dos pais com estilos de apego seguro, apresentam filhos com estilos de apego inseguro. Como já afirmado anteriormente, apesar do número bastante pequeno de Tríades nessas condições, não se pode ignorar esse dado, já que o mesmo numa amostragem maior poderia se apresentar ainda com maior frequência, o que, por sua vez, apontaria para o questionamento da própria hipótese 2 aqui proposta. De toda forma, tomando como referência o único estudo passível de comparação ao presente, o de Attili, Vermigli e Roazzi (2012), os resultados decorrentes das análises acima descritas e da análise de cluster do tipo *two-way joining*, dão suporte à afirmação daqueles autores no que concerne ao aspecto protetor do genitor que apresenta estilo de apego seguro no processo de estabelecimento do estilo de apego seguro nos filhos. Apesar de que aquele estudo aponta apenas o papel protetor do pai com estilo de apego seguro e não ambos como se revelou, ainda que de forma tendenciosa, no presente estudo.

Dado o fato de que não existem, ou pelo menos o autor não conseguiu encontrar, na literatura disponível sobre apego algum estudo anterior ao presente que tenha investigado a influência dos estilos de apego de genitores no estabelecimento dos estilos

de apego de seus filhos, como já mencionado, a base para comparação mais aproximada utilizada na presente iniciativa foi o estudo de Atilli, Vermigli eRoazzi (2012). Destarte, levando em consideração o escopo e os achados da pesquisa desses autores, o que se pode dizer de maneira sucinta é que mais da metade das Tríades do presente estudo aparentemente estão em consonância com o estudo daqueles autores no que diz respeito a não existir diferenças, em termos de influência nos estilos de apego de seus filhos, entre casais ambos com estilos de apego seguros e casais um com apego seguro e o outro com inseguro, embora o Gráfico 1 aponte uma proporção maior de ocorrências do primeiro caso.

No entanto, pelo fato do estudo de Atilli, Vermigli eRoazzi (2012) aponta para o fato de que o pai com apego seguro exerce uma proteção aos filhos (sem distinção de sexo das crianças) em relação à mãe com apego inseguro. Dois aspectos são importantes serem ressaltados: primeiramente, como já bastante enfatizado, os achados do presente estudo tendem a confirmar parcialmente (ainda que indiretamente) os achados daqueles autores, no que concerne a predominância do estilo de apego seguro dos dois ou de um dos pais no estabelecimento dos estilos de apego dos filhos. Segundo, o presente estudo verificou que em termos de influência de estilo de apego dos pais (pai e mãe) em relação aos filhos, o resultado das análises de qui-quadrado (Tabelas 10, 11, 12 e 13) apenas indicam uma diferença significativa no que tange à influência dos pais com estilos de apego seguros e inseguros em relação aos filhos com estilos de apego seguros e inseguros, independentemente se a mãe apresenta estilo inseguro ou seguro.

Ademais, em 6,5% ou 2 Tríades das 31 Tríades estudadas, dois filhos apresentaram estilos de apego seguro seguindo a tendência das mães que também apresentaram estilos de apego seguros e os pais (homens) estilos de apego inseguros. Considerando-se ainda que das seis Tríades todos com estilos de apego seguros,

cincoeram compostas por mãe e filhos (ambos os sexos), embora não se possa afirmar que tipo de estilo de apego os pais dessas crianças apresentavam, o que se pode supor é que o importante não é o sexo dos pais no quesito proteção da relação de apego com os filhos, mas sim a presença do estilo de apego seguro na relação triádica em pelo menos um dos genitores.

No que concerne à análise das respostas das crianças a partir do SAT-B, mais especificamente foi possível identificar diferenças entre as respostas dadas por crianças com estilos de apego inseguros e seguros. Apesar dos significados das palavras serem iguais, aparentemente o que diferenciou seu uso ou de palavras similares foi o sentido atribuído às mesmas mediante as situações hipotéticas.

De uma forma geral os participantes com estilos de apego Seguros apresentaram respostas mais ponderadas e emoções proporcionais ao tipo de evento, frequentemente expressando alegria pela presença dos pais em várias situações hipotéticas do tipo severa e modera. Enquanto que os participantes com estilos de apego Inseguro-Ambivalente apresentaram níveis de ansiedade e nervosismo maior em situações inclusive moderadas. E os com estilos de apego Inseguro-Evitante apresentaram níveis maiores de distanciamento e raiva. Tais evidências apresentam uma congruência com a afirmação de Costa e Roazzi (2009, p.3) que

o aumento da tendência em reagir às situações ameaçadoras pode ser decorrência da incerteza sobre a disponibilidade das figuras de apego. Mais especificamente, a susceptibilidade de um indivíduo em reagir com medo quando encontra uma situação potencialmente alarmante é determinada em grande parte do tipo de previsão que ele efetua sobre a provável disponibilidade de suas figuras de apego. Tais previsões decorrem da estrutura dos modelos operativos da figura de apego e do self que ele está utilizando.

Tomando ainda como referência o que foi dito até o momento a respeito da análise das respostas dos participantes. Apesar da possibilidade das variações culturais

dos contextos brasileiro e italiano, este último, lócus da adaptação do SAT original por Attili (2001), e das poucas pesquisas crossculturais existentes, como também evidências de que os instrumentos para avaliação de estilos de apego disponíveis e validados em outros contextos sejam passíveis de distorção da realidade (Tacón & Caldera, 2001; Mallinckrodt & Wang 2004 & Alonso-Arbiol; Balluerka & Shaver 2007), mas por ter sido possível estabelecer uma relação entre os padrões apresentados pelos participantes do presente estudo e a descrição de Dalbem e Dell’Aglío (2008) dos padrões de estilos de apego, a qual aponta para o fato de que no padrão *seguro/autônomo*, **baixos sinais de ansiedade** e depressão, **autoconfiança**, facilidade de interagir socialmente, **percepção positiva dos outros** e do mundo. No padrão *evitativo/desapegado*, severidade na autocrítica, **distanciamento emocional**, **hostilidade nos relacionamentos**, desconfiança dos outros, percepção negativa dos outros e positiva de si mesmo, entre outros. No padrão *preocupado/ansioso*, **baixa autoestima**, percepção positiva dos outros, sinais de depressão, relacionamentos afetivos conflituosos, tendência à introversão, entre outros. No padrão *desorganizado/desorientado*, apontam seus cuidadores como fonte de ameaça e/ou medo, **incongruência afetiva**, entre outros. Nas próprias descrições dos estilos de apego a partir das reações das crianças da Uganda que participaram do experimento “*Strange Situation*” do estudo de Ainsworth *et al.* (1978). E com a descrição de Garrido-Rojas (2006) que afirma que cada estilo de apego apresenta emoções distintas destaca a hipótese de que pessoas com *estilos de apego inseguros* (tanto ambivalentes quanto evitantes) estão mais propensas a esses efeitos negativos provenientes de emoções como a **raiva**, **ira**, **ansiedade**, **hostilidade** e stress, justamente por apresentar tais emoções negativas com frequência. Por outro lado, pessoas com *estilos de apego seguros* tendem a apresentar com frequência emoções como **alegria**, **confiança**, segurança e **tranquilidade**. Os achados decorrentes da

análise das respostas do SAT-B do presente estudo apresentam uma congruência com os estudos de Attili (2001), Guzman e Medina (2007), Pardo, Pineda, Carrilloe Castro (2006) e Alonso-Arbiol, BalluerkaeShaver (2007), os quais apontam os instrumentos existentes na literatura como sendo aplicáveis em outras culturas não anglo-saxônicas, dadas as devidas adaptações e correções necessárias para cada contexto.

Em termos práticos os achados da análise das respostas dá suporte à aplicabilidade do instrumento SAT-B para o contexto brasileiro. Contudo, o que não se pode afirmar com certeza é se a interpretação de severidade e moderação das situações hipotéticas, além da variável cultural, varia dependendo dos contextos familiares de cada sujeito ou em função do estilo de apego de cada um. Por exemplo, uma criança que desde nova tem a responsabilidade de cuidar do irmão ou irmã, pois os pais precisam trabalhar e não podem pagar alguém pra cuidar do(a) filho(a) menor, não estaria mais acostumada a ficar só sem os pais do que naqueles casos em que os filhos ficam com tios ou avós? Não desenvolveria esta criança, independentemente do seu estilo de apego, uma resiliência psicológica e níveis de ansiedade menores em situações onde devem enfrentar o medo de ficar só? No entanto, para responder a questionamentos como este seria necessária uma imersão mais aprofundada sobre o convívio intrafamiliar das crianças, o que inicialmente era um dos escopos da presente iniciativa, mas foi impossível de ser viabilizada, devido a aspectos como tempo, disponibilidade das famílias e resistência das mesmas em permitir a entrada de um pesquisador no âmbito familiar dos participantes.

## CAPÍTULO VI

### Conclusões

Retomando os objetivos e as hipóteses do presente estudo pode-se concluir que além de ter sido possível verificar a constituição dos estilos de apego dos genitores ea influência do efeito combinado desses estilos no estabelecimento dos estilos de apego dos(as) filhos (as), é possível afirmar que as hipóteses I e II encontram suportenos casos onde ambos os pais possuem estilos de apego seguros e os filhos seguem a mesma tendência, como naqueles casos em que um dos pais apresenta estilo de apego seguro e outro genitor estilo de apego inseguro e os filhos seguem a tendência daquele genitor que possui estilo de apego seguro. Havendo uma probabilidade significativamente maior de filhos de pais com estilos de apego seguros apresentarem também estilo de apego seguro, em comparação com os casos em que nenhum dos pais apresentam estilos de apego seguros.

No entanto, no que tange a hipótese II “Quando o casal possui um, o estilo seguro, o outro, o estilo inseguro; os estilos de apego do filho(s) ou filha(s) tenderão a se caracterizar de maneira mais próxima ao estilo de apego seguro”, poucas Tríades (6 delas) seguiram essa tendência. Levando em consideração que o *N* total de Tríades já não perfaz um número compreensivo, é plausível afirmar que os achados não oferecem evidências estatísticas significativas de que o estilo de apego seguro do pai ou da mãe garante em qualquer medida a “proteção” dos filhos no que concerne à influência do estilo de apego inseguro do outro genitor, ainda mais se levado em conta que, embora um número bastante pequeno (3 delas) apresentaram justamente uma configuração que vai completamente na contramão da proposta hipótese II. Ou seja, nesses 3 casos o que

ocorreu foi que, embora um dos pais apresentassem estilo de apego seguro, os filhos seguiram a tendência do pai ou mãe com estilo de apego inseguro; replicaram tais estilos. Todavia, é coerente ressaltar que a partir dos resultados da correlação tetracórica entre os apegos seguros de pai, mãe e criança e do teste canônico relativo à comparação da fração de crianças com apego seguro segundo o tipo de apego do pai e da mãe separadamente, os achados apontam uma tendência de filhos apresentarem estilo de apego seguro quando um dos pais apresenta estilo de apego e o outro um estilo de apego inseguro, em comparação com os casos em que nenhum dos pais apresentam estilos de apego seguro.

No que concerne à relação pais homens e filhos homens, a análise qui-quadrado indicou uma diferença significativa entre pais com estilos seguros e inseguros e filhos com estilos de apego seguros e inseguros em comparação com outras combinações do tipo mães-filhos, pais-filhas e mães filhas. Em outras palavras, de acordo com o que se evidenciou no presente estudo, os pais (homens) com estilos de apego seguros parecem exercer uma influência maior no estabelecimento dos estilos de apego seguros dos filhos homens. O que não se pode afirmar, contudo, é que os filhos homens que apresentaram estilos de apego inseguros sofreram influência de mães com estilos de apego inseguros.

A partir dos dados de 4 Tríades, onde ambos os pais apresentaram estilos de apego inseguros e um filho e três filhas apresentaram estilos de apego seguros e também dos dados de 2 Tríades, onde os dois genitores apresentaram estilos de apego seguros e suas filhas apresentaram estilos de apego ambas inseguro-ambivalente e por não existir relatos na literatura de tal evento, não seria insensato supor a possibilidade do desenvolvimento de comportamento de apego a múltiplas figuras de apego viabilizadas a partir da vivência das crianças participantes em suas instituições. E que também (mais

especificamente no segundo caso) outros elementos socioculturais e ambientais podem estar influenciando as configurações de apego das crianças envolvidas no presente trabalho. Principalmente se se considera o fato de que a maioria delas passa boa parte do dia fora do contexto familiar, porém dentro do contexto institucional.

No que se refere às crianças, as meninas apresentaram um número maior de estilos de apego seguros em relação aos meninos. E os meninos apresentaram um número maior de estilos de apego inseguros em relação às meninas. Esses resultados são bastante desafiadores, uma vez que o número de meninos e meninas envolvidos no estudo é praticamente igual; 28 e 29, respectivamente. Ademais, considerando-se que o número de pais (homens), N=33, e o número de mães, N=45, e que proporcionalmente os pais (homens) apresentam um número maior de estilos de apego seguros (20) em relação às mães (24). Que os pais (homens) com estilos de apego seguros e inseguros apresentam uma relação significativa com filhos homens de estilos de apego seguros e inseguros. O que se pode especular é que, de modo particular, as meninas podem estar sofrendo uma maior influência positiva de variáveis do contexto socioambiental que parecem proporcionar o estabelecimento de estilos de apego seguros.

Outro achado, embora não tenha sido o escopo principal do presente estudo, não obstante ainda assim de se dar merecida atenção, é em relação ao número total de estilos de apego seguros apresentado (56,4% de 135 pessoas). O mesmo, proporcionalmente, segue muito proximamente a tendência mundial de distribuição de estilos de apego inseguros e seguros, a qual está numa média projetiva de 2,5 bilhões (35,7%) de pessoas com estilos inseguros e 4,5 bilhões (64,3%) de pessoas existentes no planeta com estilos de apego seguros.

No que concerne à análise das respostas das crianças a partir do SAT-B, de uma forma geral os participantes com estilos de apego seguros apresentaram respostas mais

ponderadas e emoções proporcionais ao tipo de evento, frequentemente expressando alegria pela presença dos pais em várias situações hipotéticas do tipo severa e moderada. Enquanto que os participantes com estilos de apego Inseguro-Ambivalente apresentaram níveis de ansiedade e nervosismo maior em situações inclusive moderadas. Estes achados encontram amplo suporte na literatura sobre apego. Ademais, o teste se revelou de fácil aplicação e compreensão por partes das crianças, o que oferece suporte à aplicabilidade do mesmo para o contexto brasileiro.

## **Limitações e Contribuições**

Algumas limitações do estudo realizado são necessárias serem ressaltadas. Primeiramente, o tamanho da amostra não permitiu inferências quantitativas mais robustas a respeito, principalmente, das relações entre os estilos de apego de filhos e filhas em relação às mães, assim como os estilos de apego dos pais em relação às filhas. No entanto, considerando o design metodológico aqui adotado, tais inferências seriam importantes no processo de entendimento dessas relações, ou, melhor dizendo, efeitos combinados dos estilos de apegos dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos.

Segundo, a impossibilidade prática de estar mais próximos à realidade intrafamiliar dos participantes envolvidos nesta pesquisa. Ter acesso às crianças do estudo foi mais simples, pois as mesmas se encontravam em suas instituições educacionais. Envolver as mães e os pais dessas crianças, principalmente estes últimos, foi uma tarefa hercúlea e de perseverança; esta dificuldade se traduz até mesmo no número total dos grupos de crianças, mães e pais envolvidos no estudo (57, 45, 33; respectivamente). A proximidade ao contexto intrafamiliar nos teria provido de mais dados qualitativos a respeito de como essas relações se davam na prática, até como forma de contraponto aos dados quantitativos. Por outro lado, o convívio nas instituições educacionais nos proveu com insights provenientes das informações obtidas a respeito das realidades familiares dos participantes.

Finalmente, por se tratar de uma iniciativa de pesquisa bastante inovadora, a única com esse design, e não implementada anteriormente no Brasil e em outros países,

a comparação dos achados deste trabalho com outros de abordagem semelhante se mostrou inviável, já que este estudo é pioneiro no sentido de que nenhum outro similar tenha sido produzido envolvendo tríades, o efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos, com populações não brancas e de baixa renda. O único com certa similaridade ao presente estudo é aquele desenvolvido por Attili, Vermigli e Roazzi (2012), no qual foram utilizados instrumentos diferentes para a coleta dos dados e as avaliações dos estilos de apego dos pais. Se os instrumentos fossem iguais ao do estudo atual, existiria ao menos a possibilidade de uma meta-análise comprando os dois casos, mas nem mesmo isso foi possível.

Comparações com outros estudos certamente serviriam para analisar os pontos de aperfeiçoamento e de contribuições positivas de um ou de outro estudo. Se por um lado a inovação tem seus méritos, por outro fica a mercê de futuras iniciativas na mesma direção que possam servir de escrutínio tanto dos procedimentos metodológicos aqui adotados quanto no que diz respeito aos resultados da pesquisa. Sem dúvida tais iniciativas servirão para depurar tanto aqueles como estes últimos.

Contudo, mesmo com todas as limitações ora apresentadas, o presente estudo não deixa de ser uma contribuição para a Teoria do Apego, uma vez que além de ampliar seu campo de abrangência em termos de populações estudadas, esta pesquisa também abre espaço para novas iniciativas na mesma direção e que tenham o escopo de aperfeiçoar as abordagens metodológicas a serem adotadas no estudo do efeito combinado dos estilos de apego dos genitores no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos. Ademais do ponto de vista educacional, ter acesso ao conhecimento sistematizado acerca da Teoria do Apego direcionada à realidade dos estudantes, mune professores não só com a possibilidade de entender melhor certos comportamentos e

emoções apresentados pelos alunos, mas também com a possibilidade de personalizar os relacionamentos com os mesmos e de resolver conflitos inter-relacionais do cotidiano escolar. No que tange o universo dos profissionais de psicologia, a presente iniciativa contribui oferecendo novos insights no campo da Teoria do Apego e novas possibilidades de entendimento do desenvolvimento socioafetivo humano, principalmente da população brasileira, uma vez que o campo da Teoria do Apego no Brasil ainda precisa avançar em termos inovação da produção científica.

## **Sugestões para futuras pesquisas**

Seria interessante a utilização de videografia ou outros instrumentos de coleta de dados mais qualitativos no sentido de se conseguir mais suporte para uma análise mais aprofundada da realidade intrafamiliar. Já existem na literatura abordagens metodológicas e instrumentos de monitoramento das relações afetivas entre pais e filhos e mães e filhos. Contudo, embora estas abordagens estejam disponíveis, apenas alguns estudos, mencionados na introdução deste trabalho, envolveram-nas. Ademais, considerando a população envolvida na presente iniciativa de pesquisa, a utilização das mesmas se torna uma tarefa de esforço muito mais longitudinal do que transversal.

Igualmente importante também seria uma análise dos resultados que incluísse dados referentes às configurações familiares bem delineadas e descritas, para que se pudesse determinar se aquelas tríades com estilos de apego seguros apresentavam ou não configurações familiares tradicionais do tipo “pais de um único casamento com filhos deste casamento”, ou se o estabelecimento de tríades com estilos de apego seguros independiam das configurações familiares. Achados dessa natureza poderiam abrir um campo de discussão bastante produtivo e inovador na seara da Teoria do Apego.

## Referências

Ainsworth, M.D.S. (1989). The development of infant-mother attachment. In Caldwell, B., & Ricciuti, H. (Orgs). *Review of Child Development Research*, 3, 1-94. Chicago: University of Chicago Press.

Ainsworth, M.D.S., Blehar, M.C., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale (NJ): Lawrence Erlbaum.

Alonso-Arbiol, I., Balluerka, N. & Shaver, P.R. A. (2007). Spanish version of the Experience in Close Relationships (ECR), adult attachment questionnaire, *Personal Relationships*, 14, 45-63.

Attili, G. (2001). *Ansia da Separazione e Misura dell'Attaccamento Normale e Patologico*. Milano: Unicopli.

Attili, G. (2007). *Attaccamento e costruzione evolutiva della mente. Normalità, patologia, terapia*. Milano: Raffaello Cortina Editore.

Attili, G. ; Vermigli, P. & Roazzi, A. (2010). Children's social competence, peer status, and the quality of mother-child and father-child relationships: A multidimensional scaling approach. *European Psychologist*, 15, 23-33, 2010.

Attili, G., Vermigli, P. & Roazzi, A. (2011). Rearing Styles, Parents' Attachment Mental State, and Children's Social Abilities: The Link to Peer Acceptance. *Child Development Research*, 1-12. doi:10.1155/2011/267186

Attili, G., Vermigli, P. & Roazzi, A. (2012). Attaccamento dei genitori e la trasformazione delle relazioni: l'effetto sullo status sociale dei figli e il ruolo del padre. *Psicologia Clinica dello Sviluppo*, 2, 371-398.

Ávila, S.C., Maldonado, C., Saldarriaga, L.M., Vega, L., Dias, S. (2004). Patrones de Apego en Familias de Tres Generaciones: Abuela, Madre Adolescente y Hijo. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 36(3) 409-430.

Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. I*. London: Hogarth Press.

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. II*. London: Hogarth Press.

Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. III*. London: Hogarth Press.

Bradford, E. & Lyddon, W. (1994). Assessing Adolescent and Adult Attachment: A Update. *Journal of Counseling and Development*, 73(2) 215-219.

Brennan, K. A., Clark, C. L., Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.) *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.

Cervo, A. & Bervian, P. (2004). *Metodologia Científica*. (5ª. ed.). São Paulo: Prentice Hall.

Chae, J. & Lee, K.Y. (2011). Impacts of Korean fathers' attachment and parenting behavior on their children's social competence. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 39(5) 627-644.

Cohn, D.A., Cowan, P.A., Cowan, C.P., (1992). Pearson, J. Mothers' and fathers' working models of childhood attachment relationships. Parenting styles and child behavior. *Development and Psychopathology*, 4, 417-431.

Corriveau, K.H., Hare, P.L., Meins, E., Fernyhough, C., Arnott, B., Elliott, L., Liddle, B., Hearn, A., Vittorini, L., Rosnay, M. (2009). Young children's trust in their mother's claims: longitudinal links with attachment security in infancy. *Child Development*, 80(3) 750-761.

Costa, M.F.S. & Roazzi, A. (2009). Percepção de risco e estilos de apego: explorando a dimensionalidade da representação do risco em "especialistas". *XVII Congresso de*

*Iniciação Científica*, 1-4, 27,28, 29 de Outubro.

Crotty, M. (1998). *The Foundations of Social Research: Meaning and Perspective in the Research Process*. London: Sage.

Dalbem, J.X. & Dell’Aglío, D.D. (2008). Apego em adolescentes institucionalizadas: processos de resiliência na formação de novos vínculos afetivos. *PSICO*, 39(1) 33-40, Jan-Mar.

Dalbem, J.X. & Dell’Aglío, D.D. (2006). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 57. Disponível no site: <http://seer.psicologia.ufrj.br/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=62>. Data de acesso: 30.08.2010.

Davis, A., D., Shaver, P.R. & Vernon, M.L. (2003). Physical, Emotional, and Behavioral Reactions to Breaking Up: Roles of Gender, Age, Emotional Involvement, and Attachment Style. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(7) 871-884, July.

Denzin, N. & Lincoln, Y.(2000). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publications.

Ein-Dor, T., Mikulincer, M., Doron, G., Shaver, P.R. (2010). The Attachment Paradox: How Can So Many of Us (the Insecure Ones) Have No Adaptive Advantages? *Perspectives on Psychological Science*, 5(2)123-141.

Éthier, L.S., Lacharité, C. & Couture, G. (1995). Childhood adversity, parental stress, and depression of negligent mothers. *Child Abuse and Neglect*, 19(5) 619-632.

Facione, P.A. (2011). Critical Thinking: what it is and why it counts. *Insight Assessment*. [www.insightassessment.com](http://www.insightassessment.com). 1-28.

Fisher, A.(2003). *Critical Thinking*. (2<sup>nd</sup> ed.), Cambridge : Cambridge University Press.

Garrido-Rojas, L.(2006). Apego, Emoción y Regulación Emocional: implicaciones para la salud. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 38(3) 493-507.

George, C. (1996). A representational perspective of child abuse and prevention: internal working models of attachment and caregiving. *Child Abuse & Neglect*, 20(5) 411-424.

Grossmann, K.E., Grossmann, K. & Waters, E. (2008). *Apego: da Infância à Idade Adulta, Os Principais Estudos Longitudinais*. São Paulo: Rocca.

Guzman, C.M. & Medina, C.N. (2007). Entrevista de Prototipos de Apego Adulto (EPAA): propiedades psicometricas de su version en Chile. *Revista Interamericana de Psicologia*, 41(3) 261-275, Sept.

Hoeve, M., Stams, G.J.J.M., van der Put, C.E., Dubas, J.S., van der Laan, P.H., Gerris, J.R.M. (2012). A meta-analysis of Attachment to Parents and Delinquency. *J Abnorm Child Psychology*, 44, 771-785.

Horne, T. & Wootton, S. (2005). *Human Thinking*. UK: Thomson.

Hughes, J. (1990). *The Philosophy of Social Research*, (2<sup>nd</sup> ed.), Essex: Longman Group Ltd.

Karakus, O. (2012). Childhood abuse and attachment styles of adolescents. *Electronic Journal of Research in Education Psychology*, 10(2) 645-659.

Kurdek, L.A. (2008). Pet dogs as attachment figures. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(2) 247-266.

Lai, E.R. (2011). Critical Thinking: a literature review. *Pearson*.  
[www.pearsonassessment.com](http://www.pearsonassessment.com), 1-49.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2007). *Fundamentos de Metodologia Científica*. (6<sup>a</sup> Ed.) São Paulo: Atlas.

Lara, M.A., Acevedo, M. & Lopes, E.K. (1994). La conducta de apego em niños de 5 y 6 años: influencia de La ocupación materna fueradelhogar. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 26(2) 283-313.

Main, M. & Hesse, E. (1990). Parents' unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightened and/or frightening parental behavior the linking mechanism? In Greenberg, M., Cichetti, D., Cummings, M. (Orgs.). *Attachment in the preschool years: theory, research and intervention*. Chicago: University Press. 161-106.

Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985) Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 66-104.

Mallinckrodt, B. & Wang, C. (2004). Quantitative methods for verifying semantic equivalence of translated research instruments: a Chinese version of the Experiences in Close Relationships scale, *Journal of Counseling Psychology*, 51(3) 368-379.

Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2007). *Técnicas de Pesquisa*. (6ª Ed.) São Paulo: Atlas.

May, T. (2001). *Social Research - issues, methods and process*. (3<sup>rd</sup> Ed.). Buckingham Philadelphia: Open University Press.

Mota, C.P. & Matos, P.M. (2009). Apego, Conflito e Auto-estima em Adolescentes de Famílias Intactas e Divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3) 344-352.

Ng, K. & Smith, S.D. (2006). The Relationship Between Attachment Theory and Intergenerational Family Systems Theory. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 14(4) 430-440, Oct.

Obegi, J.H., Morrison, T.L. & Shaver, P.R. (2004). Exploring intergenerational transmission of attachment style in young female adults and their mothers. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(5) 625-638.

Ortiz, J.A., Borré, A., Carrillo, S., Gutiérrez, G. (2006). Relación de Apego em Madres Adolescentes y sus Bebés Canguru. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 38(1) 71 86.

Padgett, D.K. (1998). *Qualitative Methods in Social Work: challenges and rewards*. London : SAGE.

Pardo, M.E., Pineda, S., Carrillo, S., Castro, J. (2006). Análisis Psicométrico del Inventario de Apego con Padres y Pares en una muestra de Adolescentes Colombianos. *Revista Interamericana de Psicología*, 40(3) 289-302.

Pugliese, M., Cohen, N., Farnia, F., Lojkasek, M. (2010). The emerging attachment relationship between Chinese infants and their mothers. *Children and Youth Services Review*, 32(12) 1719-1728.

Punyanunt-Carter, N.M. (2006).Evaluating the Effects of Attachment Styles on Relationship Maintenance Behaviors in Father-Daughter Relationships. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 14(2) 135-143, Abr.

Ramires, V.R.R. (2004). As transições familiares: a perspectiva de crianças e adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 9(2) 183-193, Mai-Ago.

Ramires, V.R.R. (2003) Cognição Social e Teoria do Apego: Possíveis Articulações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2) 403-410.

Ramires, V.R.R. & Schneider, M.S. (2010). Revisitando alguns conceitos da Teoria do Apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1) 25-33.

Roazzi, A. (em preparação). Validação da escala *Experiences in Close Relationship* (ECR) para a avaliação do apego em adultos.

Sarakantos, S. (1998).*Social Research*. (2<sup>nd</sup>ed.). London: Macmillan Press Ltd.

Saunders, M., Lewis, P. & Thornhill, A. (1997). *Research Methods for Business Students*. Basingstoke: Pitman Publishing.

Schmidt, E.B. & Argimon, I.I.L. (2009). Vinculação da gestante e apego materno fetal. *Paideia*, 19(43) 211-220.

Shomaker, L. & Furman, W. (2009). Parent-adolescent relationship qualities, internal working models, and attachment styles as predictors of adolescents' interactions with friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(5) 579-603.

Silva, M.A. (2012). Estilos de Apego como Possíveis Preditores de Estados Motivacionais em Atividades Esportivas de Rendimento: Uma Exploração Teórica. *Psicologia em Pesquisa*, 6(2) 160-170.

Sim, T.N. & Loh, B.S.M. (2003). Attachment to God: Measurement and dynamics. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(3) 373-389.

Tacón, A.M. & Caldera, Y.M. (2001). Attachment and Parental Correlates in Late Adolescent Mexican Women. *Hispanic Journal of Behavioral Science*, 23(1) 71-87, Feb.

Thomson, A. (2003). *Critical Reasoning*, (2<sup>nd</sup> ed.). London: Routledge.

Wellausen, R.S. & Bandeira, D.R. (2010). O tipo de vínculo entre pais e filhos está associado ao desenvolvimento do comportamento antissocial? *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(3) 498-506.

## Anexo I

### SAT – Brasil 2012 Folha de Respostas

Participante: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

FUGURA 1

**O que você acha que o/a menino(a) está sentindo?**

---

---

**Por que você acha que ele(a) se sente assim?**

---

---

**O que você acha que este menino(a) está fazendo agora?**

---

---

**O que você acha o que o(a) menino(a) fará quando ver os pais?**

---

---

FIGURA 2

**O que você acha que o/a menino(a) está sentindo?**

---

---

**Por que você acha que ele(a) se sente assim?**

---

---

**O que você acha que este menino(a) está fazendo agora?**

---

---

**O que você acha o que o(a) menino(a) fará quando ver os pais?**

---

---

FIGURA 3

**O que você acha que o/a menino(a) está sentindo?**

---

---

**Por que você acha que ele(a) se sente assim?**

---

---

**O que você acha que este menino(a) está fazendo agora?**

---

---

**O que você acha o que o(a) menino(a) fará quando ver os pais?**

---

---

**FIGURA 4**

**O que você acha que o/a menino(a) está sentindo?**

---

---

**Por que você acha que ele(a) se sente assim?**

---

---

**O que você acha que este menino(a) está fazendo agora?**

---

---

**O que você acha que o(a) menino(a) fará quando se aproximar dos pais?**

---

---

**FIGURA 5**

**O que você acha que o/a menino(a) está sentindo?**

---

---

**Por que você acha que ele(a) se sente assim?**

---

---

**O que você acha que este menino(a) está fazendo agora?**

---

---

**O que você acha o que o(a) menino(a) fará quando ver os pais?**

---

---

**FIGURA 6**

**O que você acha que este menino(a) está fazendo agora?**

---

---

**Por que você acha que ele(a) se sente assim?**

---

---

**O que você acha que este menino(a) está fazendo agora?**

---

---

**O que você acha que o(a) menino(a) fará se a mãe decidir permanecer no quarto?**

---

---

## Anexo II

SAT BRASIL – 2012

LISTA DAS POSSÍVEIS RESPOSTAS PARA:

PERGUNTA 1

1. Se sente só
2. Se sente triste
3. Está feliz
4. Pensa que vai ficar bem
5. Está com raiva
6. Acha que seus pais não gostam mais dele(a)
7. Acha que está acontecendo nada
8. Tenta esconder o que está sentindo
9. Não está nem aí
10. Acha que se tivesse feito a coisa certa nada tinha acontecido
11. Acha que alguém tem culpa
12. Acha que algo de ruim está para acontecer
13. Tem dor de barriga
14. Tem fome
15. Uma dor de cabeça está chegando
16. Não diz nada
17. Não sabe
18. Acha que a mãe está preocupada
19. Se preocupa com a mãe

PERGUNTA 2

B) diz a mãe ou aos pais que se sentiu só e pede pra ser segurado nos braços ; Se sentiu bem, diz à mãe o quanto foi bom

C) está com tanta raiva que não quer saber de abraço da mãe ou pais

A) faz de conta que nada aconteceu e continua a brincar

### Anexo III

Neste desenho o papai e a mamãe estão saindo pra se divertir e deixam a filha em casa. A figura mostra o momento em que eles estão se despedindo dela.



Este é o primeiro dia de escola. Na figura estão a professora e os colegas. Faz pouco tempo que a mãe deixou a filha na escola.



O pai e a mãe vão viajar no final de semana. Na figura a mãe deixa a filha com a tia e se despede dela.



A menina foi ao parque com os pais. Na figura os pais pedem a filha para ir jogar um pouco sozinha porque eles querem estar a sós para conversar um pouco.



Os pais estão prestes a viajar por duas semanas e deixam a filha em casa. Antes de saírem deixam um presente legal para ela. Na figura os pais se despedem da filha.



A mãe leva a filha para a cama, dá boa noite e sai do quarto.



Scala di Risposta I  
Set Domande Bambino Ipotesico  
Separation Anxiety Test di Klagsbrun e Bowlby (1976)  
Versione modificata da Attili (2001)

Soggetto \_\_\_\_\_ Età \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

**I Domanda:**

*"Secondo te, cosa prova questo/a bambino/a?"* CATEGORIA

B1/G1 \_\_\_\_\_

B2/G2 \_\_\_\_\_

B3/G3 \_\_\_\_\_

B4/G4 \_\_\_\_\_

B5/G5 \_\_\_\_\_

B6/G6 \_\_\_\_\_

Scala di Risposta I  
Set Domande Bambino Ipotesico  
Separation Anxiety Test di Klagsbrun e Bowlby (1976)  
Versione modificata da Attili (2001)

Soggetto \_\_\_\_\_ Età \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

**Domanda I**

**Lista di possibili risposte:**

- A. "Si sente solo/a?"
- B. "Si sente triste?"
- C. "È contento?"
- D. "Pensa che starà bene?"
- E. "È arrabbiato?"
- F. "Pensa che i suoi genitori non gli/le vogliono più bene?"
- G. "Pensa che in realtà non stia accadendo niente?"
- H. "Cerca di non mostrare quello che prova?"
- I. "Non gliene importa niente?"

- J. "Pensa che se lui/lei avesse fatto il/la bravo/a bambino/a tutto ciò non sarebbe successo?"
- K. "Pensa che sia colpa di qualcuno?"
- L. "Pensa che qualcosa di terribile stia per accadere?"
- M. "Gli viene mal di pancia?"
- N. "Ha fame?"
- O. "Sta per venirgli mal di testa?"
- P. Non risponde
- Q. "Non so"
- R. "Pensa che la madre è preoccupata"
- S. "È preoccupato per la madre"

Scala di Risposta I  
Set Domande Bambino Ipotesico  
Separation Anxiety Test di Klagsbrun e Bowlby (1976)  
Versione modificata da Altilli (2001)

Soggetto \_\_\_\_\_ Età \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

**II Domanda:**

*"Perché pensi che provi questo?"*

B1/G1 \_\_\_\_\_

B2/G2 \_\_\_\_\_

B3/G3 \_\_\_\_\_

B4/G4 \_\_\_\_\_

B5/G5 \_\_\_\_\_

B6/G6 \_\_\_\_\_

Scala di Risposta I  
Set Domande Bambino Ipotesico  
Separation Anxiety Test di Klagsbrun e Bowlby (1976)  
Versione modificata da Altilli (2001)

Soggetto \_\_\_\_\_ Età \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

**III Domanda:**

*"Che cosa pensi che faccia, ora, questo/a bambino/a?"*

B1/G1 \_\_\_\_\_

B2/G2 \_\_\_\_\_

B3/G3 \_\_\_\_\_

B4/G4 \_\_\_\_\_

B5/G5 \_\_\_\_\_

B6/G6 \_\_\_\_\_

---

Scala di Risposta I  
Set Domande Bambino Ipotesico  
Separation Anxiety Test di Klagsbrun e Bowlby (1976)  
Versione modificata da Attili (2001)

Soggetto \_\_\_\_\_ Età \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

**IV Domanda:**

*"Secondo te, cosa farà questo bambino quando rivedrà i genitori?"*

B1/G1 \_\_\_\_\_

B2/G2 \_\_\_\_\_

B3/G3 \_\_\_\_\_

B5/G5 \_\_\_\_\_

*"Secondo te, cosa farà questo bambino quando si riavvicina ai genitori?"*

B4/G4 \_\_\_\_\_

*"Secondo te, cosa farà questo bambino se la madre decidesse di rimanere nella stanza?"*

B6/G6 \_\_\_\_\_

---

Scala di Risposta I  
Set Domande Bambino Ipotesico  
Separation Anxiety Test di Klagsbrun e Bowlby (1976)  
Versione modificata da Attili (2001)

Soggetto \_\_\_\_\_ Età \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

**Domanda IV**

- B. "Dice alla madre/genitori che si è sentito solo e si fa prendere in braccio"  
"Se è stato bene allora dice alla madre quanto si è divertito"
- C. "È talmente arrabbiato che non vuole che la madre lo abbracci"
- A. "Fa finta di niente e continua a giocare"

Tavola sinottica I  
Codifica delle reazioni emotive. Categorie e classi, cui riportare le risposte dei soggetti, e punteggi relativi

Categorie di Risposte	Classi					
1. <i>Solitudine</i> 2. <i>Tristezza</i>	<table border="1"> <tr> <td rowspan="2">ATTACCAMENTO</td> <td>S</td> <td>+2</td> </tr> <tr> <td>M</td> <td>+1</td> </tr> </table>	ATTACCAMENTO	S	+2	M	+1
ATTACCAMENTO	S		+2			
	M	+1				
3. <i>Rifiuto</i> ("i genitori non lo amano più") 4. <i>Rimprovera se stesso</i> ("se lui fosse stato un buon bambino tutto ciò non sarebbe accaduto")	<table border="1"> <tr> <td>MANCANZA DI AUTOSTIMA</td> <td></td> <td>-2</td> </tr> </table>	MANCANZA DI AUTOSTIMA		-2		
MANCANZA DI AUTOSTIMA		-2				
5. <i>Rabbia</i> ("è arrabbiato", "fa i capricci") 6. <i>Incolpa altri</i> ("è colpa di qualcuno")	<table border="1"> <tr> <td>OSTILITÀ</td> <td></td> <td>-1</td> </tr> </table>	OSTILITÀ		-1		
OSTILITÀ		-1				

7. <i>Benessere</i> ("Bene", "se la passa bene", "sta bene", "è contento") S <sub>1</sub> benessere per situazione esterna ("sta bene perché gioca con la zia")	<table border="1"> <tr> <td rowspan="3">FIDARSI DI SE STESSO</td> <td>S</td> <td>-2</td> </tr> <tr> <td>M</td> <td>+2</td> </tr> <tr> <td>S<sub>1</sub></td> <td>-1</td> </tr> </table>	FIDARSI DI SE STESSO	S	-2	M	+2	S <sub>1</sub>	-1
FIDARSI DI SE STESSO	S		-2					
	M		+2					
	S <sub>1</sub>	-1						
8. <i>Incredulità</i> ("non sta succedendo niente" "pensa che non è vero che questo stia accadendo realmente") 9. <i>Evitamento</i> ("cerca di non mostrare quello che prova" "pensa di nascondersi", "si sente solo perché non c'è nessuno", "sta bene perché i genitori vanno via") 10. <i>Evasione</i> ("non gliene importa niente" "non se ne preoccupa" "non so"), Non risponde	<table border="1"> <tr> <td>EVITAMENTO</td> <td></td> <td>-2</td> </tr> </table>	EVITAMENTO		-2				
EVITAMENTO		-2						

<p>11. <i>Paura generalizzata/ansia</i> ("sente che qualcosa di brutto sta per accadere", paura del buio, dei fantasmi, dei mostri, della novità, emozionato, "curioso per quello che dicono i genitori")</p> <p>12. <i>Reazione somatica</i> ("ha mal di pancia, mal di testa, sta male, non sta bene")</p> <p>13. <i>Fame</i> ("si mette a mangiare, ha fame")</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">ANSIA</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">+1</div>
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;"> <p><i>Se più di 2 risposte, per ogni ulteriore risposta dare -1. Dalla quinta risposta -2.</i></p> </div>		

<p>14. <i>Paura di catastrofi/paura irrazionale</i> (dei ladri, degli assassini di essere rapito, ucciso che i genitori siano assassinati, pensa che la madre ha paura, si sente male)</p> <p>15. <i>Preoccupazione inversa</i> ("pensa che la madre è preoccupata", "è preoccupato per la madre e pensa che può venire uccisa")</p> <p>16. <i>Risposte bizzarre</i> ("è contento che i genitori vadano via, li odia" "è arrabbiato perché sa che i genitori non torneranno più, rompe i giocattoli e mette il veleno nel mangiare")</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">ANSIA INCONTROLLABILE ANGOSCIA</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">-2</div>
--	--	--

<p>17. <i>Risposte confuse</i> ("se la zia è cattiva, ha paura, se è buona, inizialmente preoccupato, poi si diverte" "sentirà la mancanza, non prova nulla, è indispettita e preoccupata" "desidera che la mamma gli stia vicino, oppure è stanco, oppure pensa che la madre lo ha abbandonato")</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">CONFUSIONE</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">-2</div>
---	--	--

Separation Anxiety Test di Klagsbrun e Bowlby (1976)  
Versione modificata da Attili (2001)

Soggetto \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Data di nascita \_\_\_\_\_  
Età \_\_\_\_\_ Classe \_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_

Risposte Emotive:

Attribuzione Punteggio:

- Attaccamento in M +1 / in S +2
- Fiducia in M +2 / in S -2 / in S, -1
- Ostilità - 1
- Perdita autostima - 2
- Evitamento - 2
- Ansia +1 (terza e quarta risposta -1; quinta e sesta risposta -2)
- Angoscia - 2
- Confusione - 2

Risposte di Attività

Attribuzione Punteggio:

- Per almeno tre risposte di attività inappropriate -1

ITEM	ATTACCAMENTO	PERDITA AUTOSTIMA	OSTILITÀ	FIDUCIA	EVITAMENTO	ANSIA	ANGOSCIA	CONFUSIONE		
B1/G1 S										
B2/G2 M										
B3/G3 S										
B4/G4 M										
B5/G5 S										
B6/G6 M									RISPOSTE ATTIVITÀ	TOTALE PUNTEGGIO
Punteggio										

Classificazione

- Attaccamento Insicuro Evitante
- Attaccamento Sicuro
- Attaccamento Insicuro Ambivalente
- Attaccamento Disorganizzato
- Attaccamento Confuso

Range Punteggio

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## Punteggi di categoria

- Attaccamento Sicuro (B) +4 → oltre  
 Attaccamento Insicuro-Ansioso Ambivalente (C) +3 ↔ +1  
 Attaccamento Insicuro-Ansioso Evitante (A) 0 ↔ -2  
 Attaccamento a rischio, Disorganizzato o A/C -3 → oltre

## Anexo IV

### Questionário ECR – Brasil 2012

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: (M) (F)  
Data: \_\_/\_\_/\_\_

INSTRUÇÕES – No questionário que irá responder são apresentadas algumas afirmações que se referem à maneira como você se sente nas relações sentimentais.

Leia cada afirmação, e marque com um “x” o número que melhor descreva como o quanto você está de acordo ou não está de acordo com tal afirmação. O número “1” indica um completo desacordo, enquanto o número “7” indica um completo acordo.

Por exemplo, considere a afirmação a seguir:

**“Considero que o meu parceiro não me dá bastante atenção”**

1	2	3	4	5	6	7
Completa- mente falso	Bastante falso	Um pouco falso	Nem verdadeiro, Nem falso	Um pouco verdadeiro	Bastante verdadeiro	Completa- mente verdadeiro

Se achar esta afirmação completamente falsa marque com um “x” o número 1, se achar bastante falso marque o número 2, e assim por diante.

Ao responder, considere que:

1. Estamos interessados na sua maneira geral de viver os relacionamentos, não somente a respeito do que está acontecendo em seu relacionamento atual.
2. Por “parceiro” entende-se somente o parceiro sentimental (por exemplo, a própria namorada/o, noiva/o, o próprio cônjuge), e, portanto não os parentes, amigos ou colegas.
3. A palavra “próximo” ou “íntimo” refere-se à proximidade psicológica ou emocional (por exemplo, abrir-se, confiar-se, compartilhar emoções e experiências), além daquela física e sexual.
4. A partir da garantia do anonimato das respostas, e assim respeito à privacidade das mesmas, que serão utilizadas somente para fins de pesquisa, recomendamos-lhe a máxima espontaneidade e sinceridade nas respostas.

**Use a escala de julgamento abaixo para responder a cada item.**

1	2	3	4	5	6	7
Completa- mente falso	Bastante falso	Um pouco falso	Nem verdadeiro, Nem falso	Um pouco verdadeiro	Bastante verdadeiro	Completa- mente verdadeiro

1. Prefiro não mostrar ao parceiro/a como me sinto de verdade por dentro  
1    2    3    4    5    6    7
2. Tenho medo de ser deixado/a.  
1    2    3    4    5    6    7
3. Sinto-me muito à vontade quando me encontro em intimidade com o parceiro/a.  
1    2    3    4    5    6    7
4. Preocupo-me muito a respeito dos meus relacionamentos sentimentais.  
1    2    3    4    5    6    7
5. Logo que o meu parceiro começa a se tornar mais íntimo, considero melhor afastar-me.  
1    2    3    4    5    6    7
6. Tenho medo que o meu parceiro/a não me aprecie tanto quanto eu aprecio ele/a.  
1    2    3    4    5    6    7
7. Sinto desconforto quando o parceiro/a quer estabelecer comigo uma profunda intimidade.  
1    2    3    4    5    6    7
8. Preocupo-me bastante em perder o meu parceiro/a.  
1    2    3    4    5    6    7
9. Tenho dificuldade em me abrir com o parceiro/a.  
1    2    3    4    5    6    7
10. Com freqüência desejo que os sentimentos do meu parceiro/a em relação a mim sejam tão fortes quanto os meus em relação a ele/a.  
1    2    3    4    5    6    7
11. Gostaria de alcançar uma maior intimidade com o meu parceiro/a, ma sempre volto atrás.  
1    2    3    4    5    6    7
12. Com freqüência gostaria de me fundir completamente com o meu parceiro/a, e isto o amedronta e o afasta.

1      2      3      4      5      6      7

13. Fico nervoso quando o parceiro/a se torna muito íntimo.

1      2      3      4      5      6      7

14. Tenho medo de ficar só.

1      2      3      4      5      6      7

**Use a escala de julgamento abaixo para responder a cada item.**

1	2	3	4	5	6	7
Completa-mente falso	Bastante falso	Um pouco falso	Nem verdadeiro, Nem falso	Um pouco verdadeiro	Bastante verdadeiro	Completa-mente verdadeiro

15. Sinto-me confortável em compartilhar com o meu parceiro os meus mais íntimos pensamentos e sentimentos.

1      2      3      4      5      6      7

16. Às vezes o meu desejo de estabelecer um relacionamento muito próximo amedronta e afasta as pessoas.

1      2      3      4      5      6      7

17. Procuro evitar alcançar uma intimidade excessiva com o parceiro/a.

1      2      3      4      5      6      7

18. Tenho necessidade de ser muito ressegurado/a quanto ao fato de ser amado/a pelo meu parceiro/a.

1      2      3      4      5      6      7

19. Encontro muita facilidade em entrar em intimidade com o meu parceiro/a.

1      2      3      4      5      6      7

20. Às vezes tenho a impressão de forçar o meu parceiro/a em demonstrar mais sentimentos e maior dedicação.

1      2      3      4      5      6      7

21. Acho difícil conseguir depender do parceiro/a.

1      2      3      4      5      6      7

22. Não me preocupo frequentemente de ser deixado/a.

1      2      3      4      5      6      7

23. Prefiro não entrar em excessiva intimidade com o parceiro/a.

1      2      3      4      5      6      7

24. Se não consigo obter que o meu parceiro demonstre interesse por mim, fico perturbado/a e fico com raiva.

1      2      3      4      5      6      7

25. Ao meu parceiro/a digo quase tudo.  
1    2    3    4    5    6    7
26. Acho que o meu parceiro/a não queira estabelecer comigo aquela intimidade que desejaria alcançar.  
1    2    3    4    5    6    7
27. Geralmente falo com o meu parceiro/a dos meus problemas e das minhas preocupações.  
1    2    3    4    5    6    7
28. Quando não mantenho um relacionamento sentimental, sinto-me bastante ansioso/a e inseguro/a.  
1    2    3    4    5    6    7
29. Sinto-me confortável em confiar-me ao parceiro/a.  
1    2    3    4    5    6    7

**Use a escala de julgamento abaixo para responder a cada item.**

1	2	3	4	5	6	7
Completamente falso	Bastante falso	Um pouco falso	Nem verdadeiro, Nem falso	Um pouco verdadeiro	Bastante verdadeiro	Completamente verdadeiro

30. Sinto-me frustrado/a quando o meu parceiro/a não está presente da forma que eu gostaria.  
1    2    3    4    5    6    7
31. Não me cria problema pedir conforto, conselhos ao parceiro/a.  
1    2    3    4    5    6    7
32. Sinto-me frustrado/a se o parceiro/a não está disponível quando tenho necessidade dele/a.  
1    2    3    4    5    6    7
33. Ajuda-me dirigir-me ao meu parceiro/a nos momentos de necessidade.  
1    2    3    4    5    6    7
34. Quando o parceiro me critica, me incomoda.  
1    2    3    4    5    6    7
35. Dirijo-me ao meu parceiro por muitas coisas, inclusive conforto e resseguro.  
1    2    3    4    5    6    7
36. Fico chateado/a quando o meu parceiro/a fica longe de mim.  
1    2    3    4    5    6    7

## Anexo V

### Universidade Federal de Pernambuco TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido o (a) Sr./Sra. para participar da pesquisa “O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos esilos de apego de seus filhos e filhas” que está sob responsabilidade do pesquisador Marcílio Ângelo e Silva, com endereço na R. Prof. Francisco Trindade, 96 Campo Grande, Recife e contatos através do Tel.: 34269340 e Cel. 87727989 email: [marcilioangelo@hotmail.com](mailto:marcilioangelo@hotmail.com) e está sob a orientação do Prof. Dr. AntonioRoazzi do Departamento de Psicologia da UFPE.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Esta pesquisa tem o intuito de investigar o processo de desenvolvimento psicológico de crianças entre 7 e 9 anos do ensino fundamental do Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição, localizado na cidade do Recife. Serão efetuados dois procedimentos: o questionário *Experiências em Relações Íntima/Próximas* (ECR) para ser respondido pelos pais das crianças e a versão adaptada (por Atili, 2001) da entrevista/questionário *Teste da Ansiedade da Separação* (SAT) de Klagsbrun e Bowlby (1976) para se respondido pelas crianças no Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição. O SAT-B consiste num teste projetivo (imaginação de cenários) a partir de uma atividade que contém quadrinhos com desenhos representando uma criança em vários ambientes na presença de seus pais. Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo absoluto e armazenados no programa SPSS e somente no computador do pesquisador principal por um período mínimo de 5 anos. O período provável da realização da pesquisa será entre 31.10.12 a 17.12.2012.. Se o (a) participante da pesquisa assim desejar, por qualquer que seja o motivo, estará livre para retirar seu consentimento a qualquer tempo.

Os benefícios esperado com esta pesquisa são que seus resultados possam fornecer informações sobre o desenvolvimento psicológico das crianças envolvidas na pesquisa. A partir de um estudo dessa natureza será possível identificar o processo de desenvolvimento dos Modelos Internos de Funcionamento (IWMs) das crianças e suas implicações para o campo afetivo, social e cognitivo. Tais informações serão utilizadas para apresentação de palestras e capacitação do corpo docente da escola e de todos os pais que tiverem interesse em participar de palestras de formação. Os eventuais riscos para os participantes serão mínimos e podem se configurar como constrangimento ou desconforto psicológico. No entanto, todos os procedimentos preservarão a identidade dos participantes e propõem atividades que não se relacionam diretamente a valores pessoais, orientação sexual ou política e tampouco qualquer tipo de patologias que os participantes possam ter. Ademais, os procedimentos não serão invasivos fisicamente e nem será feito uso de técnicas psicanalíticas como a hipnose. Após a conclusão da pesquisa, será entregue à escola duas cópias dos documentos contendo seus resultados para que eles possam ser divulgados junto aos alunos e alunas participantes e seus responsáveis. Será também providenciado a escrita e publicação de um ou mais artigos científicos sobre os resultados desta pesquisa.

O pesquisador se compromete a estar disponível para esclarecer dúvidas sobre os procedimentos da pesquisa. Mesmo com a devida autorização de seus responsáveis, os participantes potenciais só farão parte da pesquisa por livre e espontânea vontade. Podendo também o responsável revogar sua autorização a qualquer momento. As respostas obtidas através dos protocolos serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos e os resultados da pesquisa serão revelados aos seus participantes de forma generalizada sem especificidades que ponham em risco o anonimato dos adolescentes. A participação na pesquisa não implicará nenhum custo ou benefício financeiro aos participantes. O participante poderá contatar o Comitê de Ética da UFPE através do tel.: (81) 21268588 e do email: [cepcs@ufpe.br](mailto:cepcs@ufpe.br) para esclarecimento de qualquer dúvida ou reclamações.

Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida daEngenharia s/n – 1º Andar, Sla 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: 2126.8588 – e-mail: [cepcs@ufpe.br](mailto:cepcs@ufpe.br)).

\_\_\_\_\_  
**Marcílio Ângelo e Silva**

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG/\_\_\_\_\_  
CPF/\_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “**O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos e filhas**”, como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido (a) pelo pesquisador Marcílio Ângelo e Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.**

Testemunhas

<b>Nome:</b>	<b>Nome:</b>
<b>Assinatura:</b>	<b>Assinatura:</b>

## Anexo VI

### Universidade Federal de Pernambuco TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Menores de 18 anos)

Convidamos seu/sua filho(a) que está sob sua responsabilidade para participar, como voluntário (a), da pesquisa a **“O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos e filhas”**. Esta pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Antonio Roazzi do Departamento de Psicologia da UFPE e está sob responsabilidade do pesquisador Marcílio Ângelo e Silva, com endereço na R. Prof. Francisco Trindade, 96 Campo Grande, Recife e contatos através do Tel.: 34269340 e Cel. 87727989 email: [marcilioangelo@hotmail.com](mailto:marcilioangelo@hotmail.com).

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Esta pesquisa tem o intuito de investigar o processo de desenvolvimento psicológico de crianças entre 7 e 9 anos do ensino fundamental do Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição, localizado na cidade do Recife. Serão efetuados dois procedimentos: o questionário *Experiências em Relações Íntima/Próximas* (ECR) para ser respondido pelos pais das crianças e a versão adaptada (por Atili, 2001) da entrevista/questionário *Teste da Ansiedade da Separação* (SAT) de Klagsbrun e Bowlby (1976) para ser respondido pelas crianças no Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição. O SAT-B consiste num teste projetivo (imaginação de cenários) a partir de uma atividade que contém quadrinhos com desenhos representando uma criança em vários ambientes na presença de seus pais. Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo absoluto e armazenados no programa SPSS e somente no computador do pesquisador principal por um período mínimo de 5 anos. O período provável da realização da pesquisa será entre 31.10.12 a 17.12.2012.. Se o (a) participante da pesquisa assim desejar, por qualquer que seja o motivo, estará livre para retirar seu consentimento a qualquer tempo.

Os benefícios esperados com esta pesquisa são que seus resultados possam fornecer informações sobre o desenvolvimento psicológico das crianças envolvidas na pesquisa. A partir de um estudo dessa natureza será possível identificar o processo de desenvolvimento dos Modelos Internos de Funcionamento (IWMs) das crianças e suas implicações para o campo afetivo, social e cognitivo. Tais informações serão utilizadas para apresentação de palestras e capacitação do corpo docente da escola e de todos os pais que tiverem interesse em participar de palestras de formação. Os eventuais riscos para os participantes serão mínimos e podem se configurar como constrangimento ou desconforto psicológico. No entanto, todos os procedimentos preservarão a identidade dos participantes e propõem atividades que não se relacionam diretamente a valores pessoais, orientação sexual ou política e tampouco qualquer tipo de patologias que os participantes possam ter. Ademais, os procedimentos não serão invasivos fisicamente e nem será feito uso de técnicas psicanalíticas como a hipnose. Após a conclusão da pesquisa, será entregue à escola duas cópias dos documentos contendo seus resultados para que eles possam ser divulgados junto aos alunos e alunas participantes e seus responsáveis. Será também providenciado a escrita e publicação de um ou mais artigos científicos sobre os resultados desta pesquisa.

O pesquisador se compromete a estar disponível para esclarecer dúvidas sobre os procedimentos da pesquisa. Mesmo com a devida autorização de seus responsáveis, os participantes potenciais só farão parte da pesquisa por livre e espontânea vontade. Podendo também o responsável revogar sua autorização a qualquer momento. As respostas obtidas através dos protocolos serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos e os resultados da pesquisa serão revelados aos seus participantes de forma generalizada sem especificidades que ponham em risco o anonimato dos adolescentes. A participação na pesquisa não implicará nenhum custo ou benefício financeiro aos participantes.

Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, Sla 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

\_\_\_\_\_  
Marcílio Ângelo e Silva

### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, \_\_\_\_\_, RG/\_\_\_\_\_  
CPF/\_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pela (o)  
menor \_\_\_\_\_, autorizo sua participação no estudo “**O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos e filhas**”, como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido (a) pelo pesquisador Marcílio Ângelo e Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento.

Local e data \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.**

Testemunhas

<b>Nome:</b>	<b>Nome:</b>
<b>Assinatura:</b>	<b>Assinatura:</b>

## Anexo VII



**Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição**

### **CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador Marcílio Ângelo e Silva, a desenvolver o seu projeto de pesquisa “O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos” , que está sob a coordenação/orientação do Prof. Dr. AntonioRoazzi, cujo objetivo é verificar o desenvolvimento afetivo-emocional de crianças entre 7 e 9 anos do Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição.

A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 196/96 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa.

Local, em \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_.

---

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição